UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

GÊNESIS WILKER PEREIRA TABOSA

AS TRINCHEIRAS DA AMÉRICA LATINA NA EXPERIÊNCIA DA UNIDADE POPULAR CHILENA: IMPERIALISMO E CONTRATENDÊNCIAS DO CAPITAL

São Cristóvão – SE
2022

GÊNESIS WILKER PEREIRA TABOSA

AS TRINCHEIRAS DA AMÉRICA LATINA NA EXPERIÊNCIA DA UNIDADE POPULAR CHILENA: IMPERIALISMO E CONTRATENDÊNCIAS DO CAPITAL

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do bacharelado em Relações Internacionais na Universidade Federal de Sergipe sob orientação do Prof. Dr. Thiago Fernandes Franco.

São Cristóvão – SE

2022

GÊNESIS WILKER PEREIRA TABOSA

AS TRINCHEIRAS DA AMÉRICA LATINA NA EXPERIÊNCIA DA UNIDADE POPULAR CHILENA: IMPERIALISMO E CONTRATENDÊNCIAS DO CAPITAL

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do bacharelado em Relações Internacionais na Universidade Federal de Sergipe sob orientação do Prof. Dr. Thiago Fernandes Franco.

21 nov, 2022

BANCADA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Thiago Fernandes Franco

Orientador

_____

Prof. Dr. Lucas Pinheiro

Examinador

_____

Prof. Dr. Geraldo Campos

Examinador

Agradecimentos

Este trabalho só foi possível porque nos últimos meses que o precederam, eu tive o carinho, apoio, afeto e disposição de minha tão doce companheira, Iris Arianne, uma estudante ávida do materialismo histórico dialético no serviço social. Agradeço a esta pessoa tão especial em minha vida por todos os momentos que tivemos juntos nesse percurso; às noites sem dormir, repletas de conversas profundas e uma vivência repleta de amor. Seu exemplo de estudo, camaradagem, resistência, cobranças necessárias, sugestões e críticas foram cruciais para elucidar o caminho a seguir.

Agradeço a minha mãe, dona Maria Clarice, mulher trabalhadora que sempre me incentivou a entrar na Universidade e continuar os estudos. Sua vida de resistência me demonstrou que é preciso e necessário lutar.

Agradeço à Universidade Federal de Sergipe que continua gratuita, abrindo brechas para estudantes como eu ocuparem a universidade, apesar dos diversos ataques que sobre ela se apresentam, frutos de políticas neoliberais e privatizantes. Agradeço às amizades que fiz nesse espaço, aos demais incentivos e importantes momentos de ócio. Bem sabemos como esses momentos podem ser de imensurável qualidade.

Em especial, agradeço meu orientador, o Prof. Dr. Thiago Franco pela paciência, compreensão, apontamentos pertinentes e revisões detalhadas essenciais a esse trabalho. Este camarada em vários momentos apoiou minhas “viagens temáticas”, sempre indicando possíveis caminhos em minha jornada acadêmica, rumo a uma práxis efetiva. Sua didática é exemplar. Ademais agradecimentos ao Prof. Dr. Lucas Pinheiro, por seu ânimo, encorajamento e transparência, cuja ternura é singular; ao Prof. Dr. Geraldo Campos, por suas instigantes críticas e particular praticidade nos argumentos que muito muito me fazem refletir; ao Prof. Dr. Renan Montenegro, pela dedicação e sinceridade em todos os momentos; ao Prof. Dr. Rodrigo de Albuquerque, por garantir um vôo seguro em minhas buscas por conhecimento; ao Prof. Dr. Cairo Junqueira, pelo respeito e pelos comentários didáticos que sempre me desafiam a melhorar; ao Prof. Mt. Corival Sobrinho, pelas tão importantes leituras do Capital.

Por fim, agradeço aos revolucionários e revolucionárias marxistas-leninistas de todas as épocas e lugares que dedicaram e continuam a dedicar suas vidas à emancipação da classe trabalhadora. Eles e elas me mostraram que o conhecimento da verdade serve para transformar esse mundo, pois toda verdade sempre foi e será crítica.

"o que se propõe a todo o jovem comunista é que seja essencialmente humano, ser tão humano que se aproxime daquilo que há de melhor no ser humano, que purifique o melhor do homem por meio do trabalho, do estudo, do exercício da solidariedade permanente com o povo e com todos os povos do mundo, desenvolver ao máximo a sensibilidade até se sentir angustiado quando se assassina um homem em qualquer lugar do mundo e se sentir entusiasmado quando em algum lugar do mundo se levanta uma nova bandeira de liberdade". (Ernesto Guevara, "O que deve ser um jovem comunista", 1962).

"Os filósofos até hoje se limitaram a interpretar o mundo; a questão, porém, é transformá-lo". (Karl Marx, "Teses sobre Feuerbach", 1845).

“Como se poderá converter os que apenas têm conhecimentos livrescos em autênticos intelectuais? O único caminho é levá-los ao trabalho prático, fazer deles trabalhadores práticos, engajar os que fazem trabalhos teóricos na realização dum estudo de questões práticas importantes. Desse modo pode atingir-se o objetivo”. (Mao Tsetung, “Retifiquemos o Estilo de Trabalho no Partido”, 1942).

Resumo

A América Latina é uma região de muitas contradições, configurada por muitos conflitos, fome e instabilidade socioeconômica, ao mesmo tempo que é uma das regiões cuja terra é mais fértil, mais rica em matéria prima e mão-de-obra. O objetivo central deste trabalho é abordar e analisar o motor dessas contradições: o motivo pelo qual existe uma grande massa de trabalhadores cada vez mais sucateados, enquanto um nível exorbitante de riqueza é cada vez mais concentrado nas mãos de um pequeno grupo detentor dos meios de produção. A fim de responder esta questão, neste trabalho será usado o materialismo histórico dialético, estruturalmente negligenciado nas Relações Internacionais. Dessa forma, o estudo que aqui se faz do Chile de Salvador Allende em particular e da América Latina em geral parte da materialidade, isto é, do modo de produção e, por meio da investigação e exposição das mediações encontradas, se busca alcançar novas e mais robustas suprassunções analíticas. Este caminhar crítico, por sua vez, exibe o imperialismo, o modo de produção capitalista dependente latino americano e suas contratendências, bem como as táticas que foram empregadas para as combater no caso específico em questão: o Chile de Allende. A questão que nos interessa indagar é o que podemos aprender com essa experiência que possa vir a nos auxiliar na compreensão de nossas tarefas revolucionárias atuais, a saber, a formação de uma frente popular vanguardista, marxista-leninista.

Palavras-chave: América Latina; Capitalismo; Chile; Dependência; Imperialismo.

Resumen

América Latina es una región de muchas contradicciones, marcada por muchos conflictos, hambre e inestabilidad socioeconómica, al mismo tiempo es una de las regiones cuya tierra es más fértil, más rica en materias primas y mano de obra. El principal objetivo de este trabajo es aproximarse y analizar el motor de estas contradicciones: la razón por la que existe una gran masa de trabajadores cada vez más desguazados, mientras que un nivel exorbitante de riqueza se concentra cada vez más en manos de un pequeño grupo que posee los medios de producción. Para responder a esta pregunta, en este trabajo se utilizará el materialismo histórico dialéctico, estructuralmente descuidado en las Relaciones Internacionales. De esta forma, el estudio que aquí se realiza del Chile de Salvador Allende en particular y de América Latina en general parte de la materialidad, es decir, del modo de producción y, a través de la investigación y exposición de las mediaciones encontradas, busca llegar a nuevas y supuestos analíticos más robustos. Este enfoque crítico, a su vez, muestra el imperialismo, el modo de producción capitalista dependiente latinoamericano y sus contratendencias, así como las tácticas que se utilizaron para combatirlas en el caso específico en cuestión: el Chile de Allende. La pregunta que nos interesa hacernos es qué podemos aprender de esta experiencia que nos ayude a comprender nuestras tareas revolucionarias actuales, a saber, la formación de un frente popular marxista-leninista de vanguardia.

Palabras clave: América Latina; Capitalismo; Chile; Dependencia; Imperialismo.

Abstract

Latin America is a region of many contradictions, shaped by many conflicts, hunger and socioeconomic instability, at the same time it is one of the regions whose land is most fertile, richest in raw materials and labor. The main objective of this work is to approach and analyze the engine of these contradictions: the reason why there is a large mass of workers increasingly scrapped, while an exorbitant level of wealth is increasingly concentrated in the hands of a small group that owns the means of production. In order to answer this question, we shall use the dialectical historical materialism, structurally neglected in International Relations. In this way, the study carried out here of Salvador Allende's Chile in particular and Latin America in general starts from the materiality, that is, from the mode of production and, through the investigation and exposition of the mediations found, it seeks to reach new and more robust analytical assumptions. This critical approach, in turn, shows imperialism, the Latin American dependent capitalist mode of production and its counter-tendencies, as well as the tactics that were used to combat them in the specific case in question: Allende's Chile. The question that interests us to ask is what can we learn from this experience that can help us to understand our current revolutionary tasks, namely, the formation of an vanguardist, Marxist-Leninist popular front.

Keywords: Latin America; Capitalism; Chile; Dependency; Imperialism.

Sumário

Introdução……10
1. O Capital e o Imperialismo……...…...11
1.1. A Estrutura do Capital……..11
1.2. O Imperialismo Ianque……14
2. A América Latina e a Crise Capitalista ……23
2.1. O Capitalismo Dependente Latino Americano…….…..23
2.2. A Queda Tendencial da Taxa de Lucro ……25
3. A Experiência Revolucionária Chilena……..30
3.1. A Formação e Governança da Unidade Popular……30
3.2. A Via Chilena ao Socialismo ……34
Considerações Finais……..38
Referências……41

Introdução

Este trabalho tem o intuito central de apresentar ao leitor a história para que o futuro não seja uma reprodução de derrotas do passado. Em um contexto de fome, desemprego e desalento em toda a América Latina, buscamos saber o que são suas causas. De antemão, isso implica compreender o capitalismo, em suas minúcias, se tornando íntimo das categorias a seguir apresentadas.

Em vista disso, no primeiro capítulo evidenciamos o que é o capital, como ele se forma, se estrutura e se reproduz na sociedade moderna internacional. Após esse percurso, esperamos ter as ferramentas necessárias para trilhar as nuances do que foi o imperialismo do início do século XX até a década de 1970 e, principalmente, qual foi o papel dos EUA na consolidação de uma hegemonia militar internacional.

No segundo capítulo iremos expor quais são os desafios internos da América Latina, qual sua formação histórica e aparato de classe. Com isto, buscamos evidenciar os momentos da crise capitalista como um marco de intensificação da exploração, provenientes de uma estrutura colonial sempre presente. Nisto, tentamos elucidar categorias importantes para a compreensão da dependência, do imperialismo e, fundamentalmente, de formas de os enfrentar.

O terceiro capítulo, por sua vez, evidencia a experiência da Unidade Popular no Chile, sua formação e desenvolvimento a fim de expor uma das experiências mais enriquecedoras da América Latina. Em vista deste arcabouço prático, poderemos analisar seus avanços e retrocessos teóricos, isto é, naquilo que se propuseram a fazer: a emancipação da classe trabalhadora.

Nas considerações finais, tentamos colocar a atual situação da América Latina em foco, tendo em mente o que nos anteriores capítulos foi apresentado.

1. O Capital e o Imperialismo

Neste capítulo iremos partir do que é mais amplo, evidenciando o que é o capital, como ele se forma, se estrutura e se reproduz na sociedade moderna internacional. Após esse percurso, esperamos ter as ferramentas necessárias para trilhar as nuances do que foi o imperialismo do início do século XX até a década de 1970 e, principalmente, qual foi o papel dos EUA na consolidação de uma hegemonia militar internacional.

1.1. A Estrutura do Capital

É de conhecimento geral que a sociedade que vivemos é a capitalista, no entanto isso não significa que haja um entendimento comum do que isso implica concretamente, de modo que as interpretações sobre este ponto comum muitas vezes toma caracteres diferentes, não raramente possuindo um caráter liberal, positivista ou, ainda, pós-moderno (HARNECKER, 2018). Observando isto, havemos de partir mesmo que brevemente do que é mais evidente; indo da aparência – isto é, de como o capitalismo se apresenta na sua camada mais externa – para a essência de nossa sociedade. Dessa observação, teremos a formação de categorias[1] de análise, haja vista que somente desta forma poderemos ponderar com maior profundidade sobre o imperialismo – estágio superior do capitalismo – e sua expansão a partir das potências européias e ianque.

Atualmente, a sociedade que nos cerca e nos forma se divide entre duas classes principais, a saber, os burgueses ou capitalistas e os proletários ou trabalhadores apresentados por Engels da seguinte forma:

> A classe dos grandes capitalistas que, em todos os países civilizados, estão quase exclusivamente na posse de todos os meios de existência e das matérias-primas e dos instrumentos (máquinas, fábricas) necessários para a produção dos meios de existência; Esta é a classe dos burgueses, ou a burguesia.
>
> A classe dos que nada possuem, os quais, em virtude disso, estão obrigados a vender o seu trabalho aos burgueses a fim de obter em troca os meios de existência necessários ao seu sustento. Esta classe chama-se a classe dos proletários, ou o proletariado. (ENGELS, 1982 [1847], pg 3-4)

Trata-se de uma sociedade centrada na produção de mais-valor, ou seja, de exploração do trabalho, em que há uma constante produção de riqueza que deve ser convertida em forma

[1] "A categoria não é, aqui, um simples instrumento analítico fruto da especulação científica, mas a representação mental de formas de existência de relações sociais concretas" (PALLUDETO, 2018).

de dinheiro ou crédito. Dessa forma, todo lucro de qualquer setor pode ser compreendido, se for retrocedido às suas instâncias mais primevas, na produção do proletariado: se é um comerciante, possui sua riqueza do mais-valor que o industrial tirou do proletariado; se é um banqueiro, seu lucro advém do juros da produção do setor financeiro que se baseia, por sua vez, na integração dos bancos e da indústria, portanto também produzida do mais-valor do proletariado (ENGELS, 2010).

No intuito de compreender a essência da sociedade capitalista, Marx (2011) começa sua jornada a partir da análise do valor das mercadorias. Aqui, ele observa que os objetos do trabalho do ser humano possuem duas características: o valor de uso e o valor de troca. O que determina o valor de uso é exatamente sua capacidade de consumo por parte de seu produtor, haja vista que sua produção não tem como objetivo a venda ou troca. Por este motivo, o trabalho que produz valor de uso se chama trabalho concreto, pois dele o que importa é seu papel individual no consumo. O que determina o valor de troca, por outro lado, é essencialmente sua capacidade de troca e venda, não importando seu caráter individual como consumo, mas sua forma mais abstrata: como uma mercadoria indiferente às demais mercadorias no mercado. Em decorrência disso, o trabalho produtor de valor de troca se chama trabalho abstrato; quer dizer, trabalho genérico ou ausente de especificidades. Observando esse valor de troca das mercadorias, Marx identifica que ele é determinado em nossa sociedade pela quantidade de trabalho humano abstrato nele contido; em outras palavras, ele é estabelecido pelo quanto de trabalho físico e/ou mental que nele se encerra, segundo uma média geral de produção – usualmente chamada de “trabalho socialmente necessário" – correspondente ao conjunto da sociedade (COGGIOLA, 2021).

Uma vez assim exposto, Marx (2011) continua na análise do objeto valor, focando agora mais especificamente no valor de troca. Marx trabalha diferentes formas desse valor de troca. Primeiro a troca de uma mercadoria por outra, em uma certa proporção. Mais adiante, a troca de uma mercadoria por uma série de outras mercadorias, numa determinada cadeia. E mais adiante, ainda, a troca de várias mercadorias em uma só, chegando à forma de equivalente geral. Essa forma historicamente toma o aspecto de dinheiro. Neste processo, troca-se uma certa quantidade de dinheiro que servirá de equivalente ao valor das demais mercadorias no mercado – valor este que segue sendo quantidade de trabalho humano abstrato, socialmente necessário, mas que agora absorve novas complexidades.

Esse dinheiro, e aqui está o centro da questão, uma vez ligado à propriedade privada

dos meios de produção[2] cria uma realidade social totalmente nova: ela transforma a força de trabalho[3] de cada trabalhador – não possuidor de meios de produção – em mercadoria, isto é, ela converte uma relação social entre pessoas em uma relação social entre objetos à venda no mercado. Cria-se duas classes sociais, duas forças totalmente opostas na sociedade: uma, muito pequena e cada vez mais rica, possuidora dos meios de produção e outra, a enorme parte da população que continuamente é empobrecida, possuidora apenas de sua própria força de trabalho (ENGELS, 1982).

Para que esta divisão seja perpetuada e retroalimentada é necessário que os trabalhadores se isolem entre si como produtores privados de distintas mercadorias, ou seja, que não se percebam naquilo que por eles é produzido. Isto pode ser verificado de diversas formas, por exemplo: quando uma trabalhadora tem como única função colocar um parafuso em um pedaço de madeira, sem que ela saiba se isto é parte de uma cadeira, um armário ou mesmo o cabo de uma arma de fogo que mais tarde será usada contra ela; ou ainda quando um trabalhador fica no papel de levar um alimento para um local determinado sem saber como ele foi produzido ou, o que também é comum, sabendo que ele jamais será capaz de pagar aquele alimento para seu próprio consumo, devido seu baixíssimo salário (ANTUNES, 2018). Estes processos e vivências distanciam os trabalhadores dos objetos por eles criados; nesse distanciamento temos o que Marx chama de alienação. Na relação desses objetos criados – agora alienados ao mercado – com outros objetos, emerge um valor que se reproduz sem que o trabalhador seja observado nesse círculo: é como se as mercadorias se relacionassem unicamente entre elas mesmas; e, assim, uma relação entre seres humanos assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. O acúmulo desse processo forma o que chamamos de capital. Disto se projeta, portanto, uma sociedade onde domina a forma mercadoria: a riqueza se apresenta na forma de uma imensa coleção de mercadorias (MARX, 2011).

Com este breve panorama, buscamos expor que nossa análise do que é a realidade cotidiana é sempre permeada por essas relações de mercado e objetificação dos seres humanos. Essa análise é essencial como introdução para o que adiante iremos adentrar, a saber, o imperialismo. Haja vista que é nesse processo que as informações até aqui observadas tomam um grau mais palpável em nossa existência material.

Cabe ao leitor, portanto, manter um olhar crítico à economia política que o permeia,

---

[2] As fábricas, depósitos, ferrovias, estações, ferramentas e máquinas utilizadas na produção de mercadorias que atualmente se encontram centralizadas no poder da burguesia (NETTO, 2011).

[3] O trabalho humano abstrato, quer dizer, qualquer trabalho que use energia mental ou/e física.

nunca negligenciando a compreensão teórica da vivência prática, uma vez que sem o teor teórico, a prática perde seu alinhamento conceitual, podendo parecer apenas um emaranhado de acontecimentos aleatórios, sem qualquer conexão entre si. Compreender a mercantilização do ser humano pelo capital, dessa forma, é se observar em uma estrutura histórica que não só pode mudar, mas que já está em constante mudança; é lutar contra qualquer tipo de naturalização[4], positivismo, universalização, superficialidades e demais caminhos que coloquem a histórica fora de seu escopo material e dialético (LOWY, 2018).

É efetivamente nesse intuito que buscamos apresentar o imperialismo como um processo expansivo do próprio capital. E, nesse processo, sua forma na realidade material toma diretrizes das mais diversas, porém sempre centradas na obtenção incessante e expansiva de lucro. Por outro lado, os povos que continuamente são transformados em mercadoria buscam se libertar dessa objetificação, formando blocos de resistência em todo o planeta, ou se alinham a essa mercantilização, se transformando em cadeias menores nesse acúmulo de lucro, tal como veremos ao decorrer deste trabalho (HOBSBAWM, 1995).

2.1. O Imperialismo Ianque.

A fim de dar continuidade efetiva ao que é o capital é imprescindível uma análise do que é o imperialismo e como ele se expande das potências, isto é, como a exploração e busca por mais lucros caminha da Europa e, mais tarde, dos EUA para as periferias do sistema capitalista internacional. Nesse sentido, buscamos aqui esboçar como a concorrência levada a suas últimas consequências forma o que se visto de forma positivista/mecânica seria seu oposto, mas que na verdade é apenas uma complexificação de seu desdobramento: estamos falando dos monopólios, isto é, a formação de empresas privadas transnacionais com poder suficiente para transformar a lógica concorrencial, sem que ela seja eliminada (MAGDOFF, 2003). Trata-se de uma mudança qualitativa que trataremos de esboçar.

Uma vez consolidado e, ao mesmo tempo, na medida que se consolida, o capitalismo avança sobre novas e mais complexas formas de produção, sem que sua base estrutural se perca. Esse novo aprofundamento pode ser observado em seu momento de efetiva expansão

[4] "Argumentos" que buscam transformar em "natureza humana" algo que, na verdade, é um fator histórico. Exemplos nesse sentido podem ser observados quando se é dito que "o ser humano é naturalmente egoísta". Ora, tal afirmação é uma falsificação da realidade por dois motivos principais: ao nascer e se desenvolver no capitalismo – esse sistema pelo qual o individualismo é central para a acumulação privada –, o ser humano se torna fruto de seu meio, isto é, reproduz o individualismo/egoísmo estrutural pelo qual é alimentado a vida inteira e; historicamente, as sociedades coletivistas – indígenas e quilombolas – funcionam em uma lógica comunal, onde o individualismo é rechaçado continuamente, na medida que é o coletivo a essência para a sobrevivência deste grupo (LESSA, 2015).

internacional: o imperialismo. Lênin (2012) observa esta expansão como causa principal para a Primeira Guerra Mundial e Stalin (2021) reafirma que este foi o mesmo motivo para a Segunda Guerra, sendo esta uma continuação daquela em maior escala. Lenin observou que o imperialismo é uma necessidade do capital nos tempos modernos, haja vista que o mesmo só pode existir na medida que se expande, criando capital primitivo e destruindo totalmente, ou assimilando para destruir, qualquer outro sistema de produção vigente. Esse processo, conforme se expande, implanta novas e diversificadas sociedades de classe, tendo em vista um histórico regional, mas que sempre está centrada em uma mercantilização de tudo e todos (IASI, 2013). Tudo isto sobre a mais brutal e total violência: levando fome, doença, desmatamento, desapropriação, poluição, guerra, estupro e morte a todas as periferias do planeta. Não obstante, uma vez que uma potência imperialista implanta suas raízes na periferia, a exploração e a dependência que ali é formada precisa ser mantida em sua essência, mesmo que sua aparência seja continuamente modificada para manter essa exploração velada (PATNAIK, 2021).

Isto fica evidente quando observamos que os países que serviam de colônias para a Europa conquistaram suas independências formais ao decorrer do século XX, depois de muito derramamento de sangue. Entretanto, essas independências – com exceção de países cuja centralidade teve cunho socialista – mantiveram e intensificaram sua dependência econômica, agora por meio de dívida externa, exportação de matérias primas, do FMI, da financeirização da economia, de privatizações e demais armas do império ianque. Estas antigas colônias agora se tornaram “países subdesenvolvidos” (KLEIN, 2010).

No momento histórico configurado nas colônias européias do século XVIII e XIX, Marx (2014) elucidou o capitalismo em uma forma concorrência que ainda formava raízes no sistema internacional. Tratava-se de uma concorrência ainda nos seus primórdios, isto é, ausente de grandes oligopólios. No entanto, Marx já observava o desenvolvimento dessa concorrência na centralização dos capitais e formação de fortes conglomerados empresariais que juntos caminhavam para a monopolização. Em decorrência desse desenvolvimento quantitativo das análises de Marx tivemos uma mudança qualitativa, observada por Lênin. Em outras palavras, temos que o fim do capitalismo concorrencial configurado nos tempos de Marx, não quer dizer o fim da concorrência em geral, mas de um salto de escala dessa concorrência.

Lênin (2012) avança nessa escala, apresentando uma relação íntima entre os bancos e as indústrias. Essa reunião se transformou em um capitalismo financeiro que, como tudo no capitalismo, precisa se expandir para continuar vivo. Harvey (2004) informa que isto cria o

que antes era uma concorrência entre capitalistas regionalmente – fundamentalmente focado na Europa e no colonialismo – em um capitalismo concentrado nos oligopólios europeus e ianques, sendo os EUA quem começa a tomar cada vez mais espaço e impulsionar uma nova política de exploração colonial: o neocolonialismo[5].

Em suma, o mundo colonial estava concentrado no poder da Europa até a metade do século XIX, configurando o colonialismo. E é somente no pós-segunda guerra e independência formal das colônias européias que os EUA, por meio de políticas imperialistas/neocoloniais, sobrepôs seu poder sobre uma Europa destruída pela guerra (FOSTER, 2006).

De antemão, é crucial pontuar que mesmo que a centralidade do imperialismo tenha mudado seu foco de acumulação da Inglaterra para os EUA, no pós Segunda Guerra, o ímpeto de exploração em âmbito internacional apenas se intensificou (PARENTI, 1997).

Esse processo mantém a exploração imperialista em sua essência, porém agora sobre uma nova aparência: apresenta-se o neocolonialismo e concomitante à expansão financeira dos anos de 1970, o neoliberalismo. Neste momento, separa-se a propriedade do capital e as formas de gerência, isto é, o capital intensifica sua internacionalização mantendo a centralidade da propriedade privada com as potências imperialistas, mas agora ramificando a administração deste capital para as periferias. Com isto, predomina a exportação de capitais sobre as exportações de bens ou simples mercadorias (SANTOS, 2016).

A potência desse capital financeiro reunido, primeiro, é uma solidificação social ainda mais intensa da propriedade do capital nas potências imperialistas. Nesta instância, ele funciona como um condensador de capitais e age de forma endógena[6]; quer dizer, quanto mais o capital se concentra, mais ele se internaliza. Ao mesmo tempo, essa massa crescente de capital concentrado precisa expandir novas formas de extração de mais-valor para continuar existindo, haja vista que capital parado é capital morto[7]. Neste processo de expansão, ele atua de maneira exógena[8] na drenagem e imposição das formas mais distintas de extração de mais-valor sobre as periferias. Ambos processos são complementares, na

---

[5] Essa política possui ramificações das mais diversas, desde o financiamento para a reconstrução da europa, somado de altos juros e concessões para a entrada do capital ianque na Europa ao impulsionamento de privatizações e à permissão formal de um protecionismo europeu para fazer frente ao campo socialista centrado na URSS (HUDSON, 2014).

[6] Uma palavra grega: "endo" (dentro) e "gena" (nascimento). Trata-se de algo que nasce e se desenvolve no interior, no centro.

[7] No subcapítulo anterior havíamos pontuado a necessidade constante do capital estar em movimento de valorização. Mais a frente, no capítulo III, iremos expor o que ocorre quando o capital desacelera sua valorização, isto é, quando o capital entra em crise.

[8] Uma palavra grega: "exo" (dentro) e "gena" (nascimento). Trata-se de algo que nasce e se desenvolve no exterior, na superfície.

medida que somente na concentração que se consegue expandir e só na expansão que se consegue concentrar mais capital (HARVEY, 2016).

Nesse contexto, a concorrência contemporânea se configura na seguinte forma: a grande propriedade do capital subdivide o capital funcionante — capitais menores — para impor uma concorrência entre eles, mantendo a si mesmo no topo. A terceirização funciona aqui como um fator crucial, na medida que opera como fragmentador de uma empresa em setores distintos que doravante devem concorrer entre si. Isto não está claramente presente em Lênin, pois é um desenvolvimento de escala que não havia se formado concretamente em seu tempo. No entanto, na época de Lênin, este processo já estava em sua forma embrionária: no fim do capitalismo concorrencial, dando lugar aos monopólios. Ora, os monopólios foram mantidos e expandidos a ponto de dar um salto qualitativo: atualmente os monopólios criaram subdivisões funcionais de enorme concorrência entre si, que, nesse processo, produzem uma exponencial geração de lucro para o monopólio sobre suas terceirizações, sem que o monopólio sofra qualquer variação de seus embates internos. Agora não é mais somente uma fusão entre o setor industrial e o setor bancário, mas a fusão de todas as formas proprietárias de capital precisando se valorizar. Não é mais apenas bancos, mas também outros setores não bancários, das mais diversas formas, desde fundos de investimento, fundos de pensão etc (FONTES, 2010).

A fim de compreender isto em sua totalidade, é necessário apontar que esse processo de acumulação trata-se do desenvolvimento do capital, na medida que este se apresenta primordialmente da forma-valor. Em outras palavras, ele é o desdobramento mais avançado que começa da troca entre mercadorias que, por sua vez, avança à forma dinheiro – como equivalente geral. Uma vez isto ocorrendo, o dinheiro toma a forma de capital industrial/comercial. Disto, forma-se o capital portador de juros[9], o precursor do capital fictício[10]. Este último é a categoria central que define o imperialismo[11]. E tal como evidente no materialismo histórico dialético, método central a este artigo, todos esses processos que se

[9] "dinheiro que, pela capacidade de funcionar como capital – e, por conseguinte, no contexto de sua análise, explorar a força de trabalho –, confere ao seu proprietário um rendimento, o juro, que, em última instância, corresponde a uma fração [do mais-valor]. [...] Nesse sentido é que seu movimento pôde ser sintetizado por Marx (1894, p. 461) na fórmula D-D', isto é, dinheiro (D) que, cedido como capital, gera mais dinheiro (D' = D + ΔD)." (PALLUDETO, 2018).

[10] "é a conversão de um fluxo de renda futura em um valor capital no presente." (PALLUDETO, 2018). Em outras palavras, o capital fictício é uma renda especulativa, futura que, diferente da taxa de juros, não pretende ser quitada ou exonerada ao fim de uma data prévia. O capital fictício, portanto, é uma constante renda futura que é capitalizada, isto é, se torna mercadoria no sistema financeiro (COGGIOLA, 2021).

[11] Isto significa informar que a forma do imperialismo e, portanto, do capitalismo contemporâneo é o capital fictício. Mais sobre isso pode ser encontrado em Palludeto (2018), "O Capital Fictício: revisitando uma categoria controversa".

desdobram da forma-valor[12] são desenvolvimentos do capital que partem do mais abstrato[13] ao mais concreto[14] (PALLUDETO, 2018). Dessa forma, sendo o capital fictício a categoria mais avançada do capital, ele:

> "é também um passo lógico adicional no processo de mercantilização das formas sociais. Tal como desenvolvido por Marx, o dinheiro é um desdobramento da transformação dos produtos do trabalho em mercadoria. O capital em função, por sua vez, coloca a própria força de trabalho como mercadoria. Já a forma capital portador de juros é a mercantilização do dinheiro, enquanto capital. E, por fim, o capital fictício é a categoria social que transforma os fluxos de renda futura em mercadoria-capital." (PALLUDETO, 2018).

Isto é, uma vez que o capital toma a forma de capital fictício, ele "modifica o sistema capitalista e consequentemente, a organização socioeconômica e a alocação do trabalho social" (PALLUDETO, 2018). Desse modo, temos uma mudança qualitativa[15] sobre o que efetivamente é o imperialismo do século XX.

A intensificação dessa forma mais avançada de acumulação do capital possui, no pós segunda guerra, um momento particular com a subida ao poder de Ronald Reagan nos EUA de e Margaret Thatcher na Inglaterra, na medida que foi em seus respectivos governos que o impulsionar do neoliberalismo como nova política externa das potências imperialistas teve seu ápice. Anteriormente a este momento, havia ainda um debate sobre as políticas keynesianas e um suposto bem-estar social centralizado no Estado. Esse debate, no entanto, foi paulatinamente marginalizado como política pública, na medida que o tecnicismo neoliberal foi tomando espaço. Nele, a iniciativa privada tem papel majoritário/central na realização das atividades político econômicas de um dado país. Suas políticas têm o objetivo de abrir caminho para o capital privado, para a diminuição das funções do Estado e instituições públicas e, dessa forma, perpetuar a acumulação do capital, a financeirização da

---

[12] Trata-se da forma que o valor se apresenta historicamente, a saber, a forma mercadoria; a forma dinheiro; a forma capital industrial/comercial; a forma capital portador de juros e; a forma capital fictício. Cada uma dessas formas implica uma organização socioeconômica do capital (HARVEY, 2013).

[13] O termo "abstrato" é uma categoria analítica do materialismo histórico dialético onde irá se observar o que há de mais aparente, mais na superfície e ausente de conexões do que está sendo analisado. Em suma, algo "abstrato" é algo que carece de conexões, ligações com os demais objetos do mundo real; isto é, quanto mais abstrato, mais isolado é um objeto dos demais objetos de análise. Assim, quanto mais ligações se fazem entre objetos, menos abstratos eles serão, e, portanto, mais irão representar a realidade, na medida que o mundo é uma incessante conexão entre objetos (STALIN, [1938] 1945).

[14] O termo "concreto" é outra categoria do materialismo histórico dialético, pelo qual o analista irá observar seu objeto mais profundamente, quer dizer, buscar reproduzir teoricamente o movimento real de seu objeto. O concreto aqui, portanto, é a junção de abstrações que uma vez organizadas teoricamente buscam reproduzir o movimento real do objeto de análise na realidade, isto é, na materialidade do mundo (STALIN, [1938] 1945). Temos, por exemplo, que o leitor ao ser apresentado a este trabalho digitalmente irá o ler por um aplicativo que, por sua vez, estará em uma tela eletrônica que, ainda, estará em um celular ou computador. Cada passo desse é uma abstração. Observar cada uma dessas abstrações de forma organizada e interconectada entre si é uma análise concreta, na medida que somente dessas conexões que temos a reprodução real do mundo (COGGIOLA, 2021).

[15] Significa que em todo o momento que a "totalidade é enriquecida pela consideração de categorias mais complexas [...], o sentido e a posição das categorias mais simples se alteram." (PALLUDETO, 2018).

economia e o domínio cada vez maior do dólar sobre qualquer outra moeda nacional (PATNAIK, 2016).

Curiosamente, no entanto, tais políticas de liberalização econômica sempre são o que se espera de um país periférico, mas nunca dos países imperialistas, na medida que estes mantêm para si políticas protecionistas, isto é, de forte intervenção estatal no intuito de impor seu poder internacionalmente. Portanto, temos que esse dito tecnicismo que envolve constantes cortes públicos/estatais para sanar uma sempre crescente dívida pública é uma política imperial sobre as periferias que, além de impedir seu desenvolvimento real[16], intensifica sua exploração (LAUESEN, 2018).

Esse impulsionar neoliberal inexorável para o sistema internacional moderno pode ser observado segundo dois fatores: o constante recuo e enfraquecimento das experiências socialistas da URSS e China[17], bem como a necessidade do capital de se expandir e alcançar novos e mais lucrativos mercados (HARVEY, 2013).

Sendo os EUA, o motor principal dessa expansão imperialista, na guerra fria ele entra em uma luta acirrada pela dominação do mercado global. E isso não ocorre de forma diplomática, mas antes por chantagens, falsificações, maniqueísmos, guerras e a constante criação de um inimigo: o comunismo. Propagandas contra a socialização dos meios de produção e, portanto, à defesa da propriedade privada, associada à demonização e falsificação histórica de qualquer processo revolucionário se tornam seu principal impulsionamento. Isto ocorre tanto internacionalmente, quanto nacionalmente[18] (PARENTI, 2011).

Em âmbito internacional isso pode ser observado na chamada Doutrina Truman:

> "A adoção desta política visava conter a expansão do socialismo não pertencentes à zona sob influência da União Soviética. Esta política teve o início formal quando em 12 de Março de 1947 o presidente norte-americano Truman pronunciou um discurso em que assumiu o compromisso de defender o mundo capitalista contra o comunismo. De imediato foi proposto a concessão de créditos para a Grécia e a Turquia e a colaboração financeira dos Estados Unidos na recuperação da economia dos países europeus. A ajuda americana não limitava-se ao campo econômico mas estendia-se ao campo militar, o que deu origem à Guerra Fria." (MARXISTS, 2022).

---

[16] Iremos manter o termo "real" aqui para elucidar que há desenvolvimento, mas por estar centrado em políticas neoliberais/imperialistas, esse desenvolvimento produz mais dependência e exploração e, dessa forma, é um crescimento ilusório, frágil e restritamente formal (SUWANDI, 2019). Trataremos melhor disto no capítulo II.

[17] Sobre isto, temos a propaganda de Nikita Khrushchev, a partir do 26° Congresso do Partido Comunista da União Soviética e as decisões tomadas no governo de Mikhail Gorbachev, onde em ambos citamos a política de conciliação de classe, a abertura gradual ao capital privado e a demonização sistemática da experiência do socialismo real na época do camarada Stalin e; os conflitos internos da experiência socialista chinesa que mais tarde elevou ao poder as políticas de abertura econômica liberalizante de Deng Xiaoping (LOSURDO, 2022). Muito poderia ser dito sobre o que significa a governança de Xi Jinping atualmente – as mudanças qualitativas que ali residem para o próprio arcabouço teórico social –, mas esse é o tema de um trabalho em si mesmo.

[18] O extermínio sistemático dos Panteras Negras, tido como inimigo número 1 dos EUA pelo próprio governo ianque, é um exemplo explícito (BLOOM, 2016).

Nesse movimento, os EUA se colocaram como um país interventor, na medida que diziam estar protegendo seus aliados ou atacando seus inimigos toda vez que interferiam na política externa de algum país (LOWY, 2012). E isso, como é de se esperar, tem desenvolvimentos na própria luta de classes em âmbito nacional, na medida que:

> "Os objetivos nacionais se enquadravam com os objetivos no exterior. Esperava-se que a Doutrina fortalecesse o próprio presidente, dentro das fileiras da grande burguesia e servisse à sua candidatura dentro do Partido Democrático. Tinha por fim garantir a iniciativa partidária no estímulo à reacionária política exterior bi-partidária. Criando uma atmosfera de cruzada para a defesa da nação contra o "comunismo", os monopolistas pensavam prejudicar a luta do movimento trabalhista por melhores salários e na defesa dos seus Sindicatos; os trabalhadores deveriam ser impedidos de dar opiniões sobre negócios estrangeiros e os comunistas e a esquerda em geral deveriam ficar isolados em questões de política exterior, para auxiliar o enfraquecimento dos Sindicatos em torno de questões de menor importância. A Doutrina pretendia criar a atmosfera necessária para a aprovação do grande orçamento militar, ao mesmo tempo que forçava a aprovação de leis anti-sindicais, — e tudo isto como antecipação das lutas populares contra a inflação, que certamente se intensificariam com a esperada crise econômica." (STAROBIN, 1947. Pág, 2).

Esta política interna, por sua vez, criou um precedente exemplar para outros países capitalistas utilizarem em seu território, inclusive sob supervisão da CIA e demais órgão de inteligência militar ianques. Foi por meio dessa política que os EUA buscou transformar todo o planeta em sua base militar. Treinamentos de militares em países periféricos por parte dos EUA na suposta tentativa de criar uma coalizão anti-soviética, deu espaço para a formação de blocos transnacionais de cunho golpista. Por meio deles, os EUA promoveram intervenções das mais diversas em todo o planeta (PRASHAD, 2022).

Isso deu origem a diversos conflitos internacionais, entre os quais podemos citar a Guerra da Coreia[19] (1950 - 1953) que não se encerrou com um vencedor, sendo apenas um cessar-fogo temporário[20] (VISSENTINI, 2015). Vale citar também a Guerra do Vietnã (1959 - 1975) e como em ambas experiências de guerra, os planos dos EUA foram frustrados pela resistência dos trabalhadores e seus respectivos partidos comunistas. Não obstante, nessas experiências de guerra, o poder militar ianque mostrou sua capacidade de genocídio, na medida que os generais orquestraram o extermínio em massa de civis desarmados, o bombardeio de hospitais, escolas e terras cultiváveis, sem qualquer restrição efetiva para o

[19] Guerra de intervenção que envolveu ianques, japoneses e uma ascendente burguesia coreana contra a classe trabalhadora coreana, representada pelo Partido dos Trabalhadores da Coreia. Com o auxílio da URSS e do Partido Comunista da China, a República Democrática da Coreia ou Coreia Popular foi capaz de estabelecer um cessar fogo no Paralelo 38, depois de uma guerra sangrenta contra o imperialismo ianque e japonês (VISENTINI, 2015).

[20] A Coreia Popular é considerada um dos maiores inimigos dos EUA até hoje. A sua capacidade de organização militar, partidária e educacional; produção de armas nucleares intercontinentais; internacionalismo proletário; e cada vez melhores condições de vida à classe trabalhadora, ao providenciar moradia, alimentação e educação de forma gratuita e pública são fatores cruciais para imputar um enfrentamento concreto contra os EUA e suas marionetes na Coréia do Sul (GOWANS, 2018).

uso de armas biológicas. Foram milhões de vidas ceifadas pelo imperialismo ianque e somente não houve o uso de bombas atômicas[21], porque elas já haviam sido utilizadas no Japão, o que causou algumas novas restrições internacionais (HOBSBAWM, 1995).

Ademais, a Doutrina Truman foi o âmbito geral pelo qual os EUA mais tarde diluíram em pontos de cunho regional, dando escopo ao Plano Marshall e a Aliança para o Progresso. Em ambas diretrizes, o intuito dos EUA era fazer frente ao bloco socialista em território europeu e latino-americano, respectivamente (HARVEY, 2008).

O Plano Marshall foi impulsionado como uma recuperação econômica e social aos países da Europa Ocidental após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, o que ocorreu efetivamente foi a implementação e financiamento de partidos e movimentos reacionários, fascistas por toda a Europa, na mesma medida que impedia qualquer avanço de partidos socialistas e progressistas na região. Como melhor exemplo disso temos que os primeiros países a receberem esse auxílio econômico foram "o regime monarco-fascista da Grécia, que foi imposto pelas baionetas britânicas, e o governo feudal da Turquia que se manteve "neutro" em favor de Hitler durante a guerra." (ALLEN, 1948).

A Aliança para o Progresso, por sua vez, delineada pela Carta de Punta del Este, em 1961, colocou "os dirigentes latino-americanos a criarem planos de desenvolvimento nacional que seriam auxiliados pelo governo estadunidense" (PINTO, 2022). Seu intuito, segundo os documentos oficiais, foi diminuir as desigualdades sociais e combater a miséria. O que houve, entretanto, foi o financiamento e treinamento massivo de generais militares por toda a América Latina, no intuito de fazer frente armada a qualquer levante popular e socialista na região. Fatores que podem ser observados em um memorando de John F. Kennedy de 1961:

> "Gostaria de ouvir de você quais são os passos que nós estamos dando para treinar as forças armadas da América Latina para controlar tumultos, guerrilhas, etc. Além disso, como os eventos da semana demonstraram no Brasil [citando a resignação presidencial de Jânio Quadros], os militares ocupam uma posição estratégica extremamente importante na América Latina. Eu quero saber quantos oficiais nós estamos trazendo da América Latina para treinar aqui e o que nós podemos fazer para aumentar seu número. Também [quero saber] quais outros passos que nós estamos tomando para aumentar a intimidade entre nossas forças armadas e os militares da América Latina [...]. Nós devemos trazer vários bons oficiais de diferentes países da América Latina para um período de 1 ou 2 meses; nós devemos ter membros do FBI que podem lhes falar sobre técnicas que eles desenvolveram para controlar o comunismo e a subversão, e podemos também ter nossos militares vindo para ensiná-los como controlar tumultos e lutar contra guerrilhas." (PEREIRA, 2011. pg 4).

Esses treinamentos tinham o envolvimento direto do Estado Maior das Forças

[21] Em ambas guerras, a opção da bomba atômica foi pensada e passos para seu uso foram tomados. O que impediu que esse processo fosse até o final foi o rechaço internacional que isto causaria economicamente e a retaliação que a URSS poderia promover (GOWANS, 2018).

Armadas norte-americanas e incluíam treinamento em controle de revoltas, treinamento em contrainsurgência, cursos de operações de guerra psicológica, cursos para treinamento de civis. Dentre as varias instituições que promoviam esses treinamentos e cursos a U.S. Army Caribbean School in the Canal Zone, mais conhecida como "Escola das Américas" era uma das principais (PEREIRA, 2011).

> "Na "Escola das Américas" os instrutores, normalmente militares, ministravam seus cursos em língua espanhola para facilitar o processo de ensino e aprendizagem de seus alunos. Nessa "escola" ensinavam-se, entre outros, cursos como operações clandestinas; comunismo e democracia; uso de informantes; interrogatório de prisioneiros e suspeitos; usos de rádio, fotografia e vídeo no trabalho de inteligência; manipulação de encontros e reuniões de massa; infiltração em guerrilhas e movimentos armados de esquerda." (PEREIRA, 2011. Pág, 6).

Juntamente a esse financiamento militar, a Aliança para o Progresso criou um orçamento especial destinado ao treinamento de policiais que não estava contabilizado com as supostas propostas de desenvolvimento econômico:

> "Dessa forma, se às vezes chegaram a faltar verbas para os programas de desenvolvimento levados a cabo pela Aliança para o Progresso, o mesmo não ocorria, pelo menos não na mesma medida, com os programas de treinamento policial." (PEREIRA, 2011. Pag, 7).

Foi dessa forma que os EUA foram capazes de se infiltrar profundamente em toda o ferramental de opressão do Estado burguês das periferias latino-americanas. Sendo precursor de golpes militares ou parlamentares – pelo qual o setor militar agiu como ameaça, caso o meio parlamentar não funcionasse –, os EUA intervieram direta ou indiretamente em todos os países cuja classe trabalhadora tomou para si um mínimo de poder decisório. Dessa forma, perpetuando e acrescendo a dependência econômica desses países perante sua hegemonia econômica (GUEVARA, 2009b).

É partindo dessas constatações que adentraremos no estudo específico de como esta dependência vem sendo retroalimentada na América Latina.

2. A América Latina e a Crise Capitalista.

Neste capítulo iremos expor quais são os desafios internos da América Latina, qual sua formação histórica e aparato de classe. Com isto, buscamos evidenciar os momentos da crise capitalista como um marco de intensificação da exploração, provenientes de uma estrutura colonial sempre presente. Nisto, promover a compreensão de categorias importantes para a compreensão da dependência, do imperialismo e, fundamentalmente, de formas de os enfrentar.

2.1. O Capitalismo Dependente Latino Americano.

É crucial iniciar esta análise evidenciando que interpretar o capitalismo na América Latina a partir apenas de categorias analíticas eurocêntricas, isto é, das revoluções burguesas do tipo clássicas, centradas na França e Inglaterra é um idealismo mecanicista. Visto que no Ocidente existiam classes sociais com um certo grau de autonomia. Essa autonomia significa informar que as burguesias ali presentes tinham um inimigo a combater: haviam aristocracias reacionárias e monarquias a derrubar. Para tanto, essa burguesia no papel de força social tinha como elemento de aliança o conjunto dos camponeses e assalariados. A burguesia mobiliza esse conjunto de alianças para derrotar um inimigo e constituir sua hegemonia, portanto, essas burguesias eram revolucionárias (FERNANDES, 2020).

O materialismo histórico dialético se coloca a analisar a configuração do capitalismo na América Latina tomando o nome de teoria marxista da dependência (TMD). Seu papel é categorizar a história latino americana como parte do desenvolvimento capitalista com características particulares, fruto determinante do papel desempenhado pela região no mercado internacional. O fato de conviverem diferentes relações de produção – atrasadas e desenvolvidas – numa mesma formação social não exclui que a determinação em última instância de sua reprodução social esteja no capitalismo (FERNANDES, 2021).

As sociedades produzidas pela expansão do mercado mundial, isto é, em decorrência das revoluções do tipo clássicas, não possuem seu mesmo grau de autonomia. Nessas sociedades resultadas da expansão capitalista, como a América Latina, o mecanismo utilizado para executar a transformação capitalista foi o próprio Estado. Esta é a chave institucional que atua na base material de unificação de classes para executar o conjunto das tarefas da revolução burguesa, da transformação capitalista nas periferias. Dessa forma, as sociedades periféricas são transformadas em satélites do centro capitalista. E as classes dominantes das periferias são subordinadas e associadas a essa exploração internacional advinda das

potências imperialistas. À vista disso, o Estado constituído nas periferias tem a função de aliar os interesses da burguesia nacional com o imperialismo, desenvolvendo a transformação capitalista gradualmente. A execução dessa aliança, consequentemente, exclui as classes trabalhadoras de uma real participação na história e desenvolvimento dessas transformações (FERNANDES, 2020).

A ordem social que transformou a América Latina em capitalista se deu em meio a uma aristocracia escravocrata, que jamais permitiu a participação do povo trabalhador em qualquer escala: trata-se de um sistema fechado, sem margens de conciliação com as massas. Essa aristocracia escravocrata sofre uma "embuguersamento", em meio à expansão do capitalismo, o que, por sua vez, fornece novas características sem que as antigas sejam eliminadas. Disto, é criada uma sociedade que continuamente elimina por meios repressivos e institucionais qualquer participação da população trabalhadora (FERNANDES, 2020).

Nos termos de Gramsci (2002), essas transformações tratam-se de revoluções pelo alto ou revoluções passivas: a burguesia latino-americana possui um padrão de conciliação dependente entre aristocracia nacional e burguesia internacional, por meio do Estado, na resolução de seus problemas, isolando mutuamente a participação da classe trabalhadora, ou de qualquer ramo da burguesia mais desenvolvimentista.

Essa dependência não é apenas um processo de subordinação ao capital externo, mas surge das especificidades das relações internas de exploração. Isto é, o capitalismo na América Latina não pode ser visto como um capitalismo insuficiente, mal desenvolvido ou em desenvolvimento. Aqui, o capitalismo foi marcado por um passado colonial, no qual há uma inserção subordinada dessas colônias na divisão internacional do trabalho frente à economia mundial capitalista, no século XIX. A partir disso, há mudanças qualitativas nessa economia mundial com a emergência do imperialismo ianque, sem que a centralidade de exploração perca sua importância; pelo contrário, é nesse processo que ela se torna mais complexa (MARINI, 2017).

O que chamamos de dependência, portanto, é uma configuração de subordinação entre nações formalmente independentes, cujo marco está em que as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas pelo imperialismo para assegurar a reprodução ampliada da dependência. A consequência da dependência não pode ser, portanto, nada mais do que maior dependência. E sua liquidação supõe necessariamente a supressão das relações de produção nela envolvidas (MARINI, 2000).

É nesse terreno de contínua dependência que o neoliberalismo se instala e se perpetua em meio aos governos. Na verdade, a cartilha neoliberal na América Latina é basilar em

qualquer governo progressista, mesmo que isso difira em proporção entre eles. Isso significa informar que as políticas neoliberais possuem amplo espaço na mídia burguesa e, portanto, no tecido ideológico da classe trabalhadora. O que, por sua vez, retroalimenta opressões das mais diversas, na medida que:

> "o neoliberalismo coloca em primeiro lugar o princípio da liberdade individual, entendida como o agir individual livre da coerção arbitrária dos outros. As relações humanas dentro de uma sociedade são assim entendidas como espaços onde as pessoas podem ameaçar o agir individual umas das outras, o que pode por sua vez restringir a liberdade individual pessoal." (SILVA, 2020).

Dessa forma, os intelectuais do neoliberalismo ao promover esse individualismo, efetivam um isolamento entre os seres humanos e, nesse processo, os desumanizam. Este fator é crucial para adentrar e conectar às opressões de gênero e raça, na medida que esse isolamento causa indivíduos cada vez mais afastados entre si e que, portanto, se compreendem e conversam menos. Nesse contexto, a violência tão recorrente na América Latina pode ser observada de duas formas: primeiro, como uma reação ao desemprego, à fome e demais fatores de sobrevivência; segundo, como fruto de um ideal individualista que somente é capaz de ter um olhar voltado para si mesmo, onde o Outro é um objeto a ser comprado ou vendido no mercado. Em ambos os casos, o neoliberalismo proporciona ampla retroalimentação. Apontar isto é essencial para fazer frente a falas racistas, pelo qual a violência é algo biológico no povo latinoamericano (SAFATLE, 2021).

Diante destes e demais fatores apresentados, nos quais a dependência é preponderante, cabe adentrar além do histórico de desenvolvimento e avançar na exposição das crises do capital inerentes à estrutura de acumulação capitalista.

2.2. A Queda Tendencial da Taxa de Lucro

O capital é um movimento contínuo de valorização, portanto sua crise é aquela que se expressa quando esse movimento, em algum ponto de seu processo, se interrompe, seja no processo de trabalho[22], nas mercadorias daí resultantes já portadoras de mais-valia ou em sua realização como dinheiro no mercado (HARVEY, 2016). É necessário, portanto, indicar como esse processo se evidencia concretamente.

Para isso, começaremos pelo ciclo de acumulação do capital que ao reinvestir[23], não se distribui igualmente a todos aqueles envolvidos em sua produção e valorização. O capital tem a tendência em investir na produtividade do trabalho, portanto, nos meios de produção,

[22] No qual os meios de produção encontram a força de trabalho
[23] Voltar ao início para dar um novo passo no processo de acumulação capitalista.

proporcionalmente mais do que na força de trabalho. No entanto, ambos elementos entram de forma diferente no processo de valorização. Os meios de produção entram com um valor que permanece o mesmo em todo o processo, dessa forma, ele pode apenas ser reposto[24]. O capital investido em força de trabalho, por outro lado, tem a capacidade de produzir um valor adicional àquele nela investido, formando o mais-valor[25]. Este último investimento, e somente este, ao ser realizado na venda, produz o lucro do capitalista que uma vez dividido servirá para seu acúmulo privado e reinvestimento. Portanto, é ele o motor da constante acumulação de capital (MÉSZÁROS, 2002).

Sendo a taxa de lucro a relação entre o capital investido e a realização do mais-valor realizado ao final, quanto mais o capitalista investe em capital constante[26], mantendo mínimo seu capital variável[27], altera-se sua composição orgânica[28]: surge aqui a tendência à queda da taxa de lucro. Esses momentos de queda são a circunstância de crise do capital.

Essas crises são diferentes das crises dos sistemas sociais anteriores, na medida que não são crises de escassez produtiva; pelo contrário, são crises de superprodução e supervalorização. Essa superabundância faz com que o capital entre cada vez mais lento no processo de valorização, dessa forma, com cada vez menor taxa de lucro. É importante notar, no entanto, que essa queda não implica na queda da massa conjuntural do lucro, isto é, seu tamanho, mas tão somente a sua taxa, ou seja, a velocidade com que esses lucros são acumulados (MARX, 2017).

A queda tendencial da taxa de lucro, no entanto, deve ser observada com uma ênfase na palavra “tendencial”, haja vista que os dirigentes do capital lançam, em meio a suas quedas, procedimentos materiais e ideológicos para a mitigar e a contrastar, na tentativa de retomar o crescimento e, portanto, reafirmar a hegemonia do capitalismo. Esses procedimentos podem ser definidos em seis contratendências do capital (MARX, 2017). Atualmente, no entanto, assumimos mais uma contratendência, totalizando sete. Trataremos de as expor juntamente às formas da luta de classe que podem as antagonizar e, quiçá, caminhar na suprassunção do sistema capitalista, isto é, no desenvolver de uma revolução

[24] É em decorrência disso que Marx (2011) o chama de "capital constante".
[25] Por esse motivo Marx (2011) a chama de capital variável.
[26] Trata-se do capital que permanece constante em todo o processo de acumulação de capital: isto é, o capital investido na obtenção de fábricas, depósitos, ferrovias, máquinas e ferramentas (NETTO, 2011).
[27] O capital que passa por mudanças de intensidade e/ou duração no processo de acumulação do capital. Em outras palavras, é o capital investido no trabalho humano, onde há: como atenuar a intensidade do trabalho, produzindo mais em menos tempo; como aumentar o horário de trabalho; como colocar um trabalhador para fazer o trabalho que normalmente 3 pessoas fariam etc (COGGIOLA, 2021).
[28] Isso corresponde a uma categoria da economia política marxiana, pelo qual o desequilíbrio ocorre quando o investimento em capital constante ultrapassa o investimento em capital variável.

proletária sobre a vanguarda de um partido comunista[29].

A primeira contratendência se apresenta quando os ideólogos do capital pregam que quanto mais o capital cresce, menor será a exploração sobre a classe trabalhadora (ANTUNES, 2018).

A principal forma de combater essa ideologia do progresso é por uma massiva e constante propaganda jornalística e midiática que ganhe os corações e mentes da classe trabalhadora contra o capitalismo, e, na construção do socialismo. Sua função é demonstrar as falhas, antagonismos e retrocessos do sistema capitalista (LENIN, 2020).

A segunda contratendência está na diminuição de salários. Esse subterfúgio do capital faz com que os salários cortados tenham divergência em decorrência de gênero, raça e localidade: as mulheres recebem menos que os homens; as pessoas não-brancas recebem menos que as pessoas brancas; e pessoas das regiões mais afastadas das metrópoles recebem menos que as pessoas das regiões mais próximas dela. Isto ocorre tanto a nível nacional quanto a nível internacional (CASONI, 2016).

A terceira contratendência é a formação de uma superpopulação relativa. Essa formação agrega a expropriação dos camponeses, indígenas e quilombolas (HARVEY, 2014).

É crucial apontar que o embate contra a segunda e a terceira contratendências depende do confronto progressivo da primeira. Assim sendo, tanto a segunda quanto a terceira contratendências hão de ser combatidas em uma luta por ocupação de moradias e terras, na medida que somente a partir da posse destes que a classe trabalhadora será capaz de resistir aos ataques do capital contra seus salários, seus meios de vida e sua própria existência (SILVA, 2012).

A quarta contratendência é o esforço contínuo dos capitalistas no barateamento do capital constante, isto é, de tudo aquilo usado para absorver o trabalho que irá incidir no valor (MANDEL, 1982).

A quinta contratendência é a ampliação do mercado. Aqui está a necessidade de ampliar a gama de venda dos produtos visando uma expansão do tipo monopolista, isto é, predatória, bem como ir de encontro a novas e mais fáceis formas de adquirir matéria prima (MARX, 2017). Estamos tratando aqui, portanto, do imperialismo e da dependência latino-americana.

A quarta e quinta contratendências precisam do êxito progressivo do embate sobre as três anteriores contratendências. E hão de ser combatidas em um partido, segundo duas

[29] No próximo capítulo será apresentado concretamente o porquê desse caminho de ruptura, ao invés de unicamente um caminho eleitoral/gradual.

frentes, a saber, a legal e a ilegal. A frente legal tem o papel de encabeçar as eleições e, na medida do possível, elevar a consciência da classe trabalhadora nos debates, reformas, greves e disputas eleitorais. Seu papel é tático, isto é, age apenas como um paliativo para problemas sistêmicos. Por outro lado, a frente ilegal do partido tem a função de agitar os trabalhadores e estudantes para elevar de dentro destes os quadros para a vanguarda, promover boicotes e levantes armados, afim de pavimentar o caminho para uma revolução socialista que, de toda a forma, será violenta. Seu papel é estratégico, ou seja, vai diretamente à raiz do sistema capitalista, na tentativa de o destruir (STALIN, 2021)

A sexta contratendência é a alocação do capital industrial para a esfera bancária, criando e socializando o capital fictício. Ele monitora a queda tendencial das taxas de juros e as compensa com títulos e ações financeiras (MARX, 2017). Essa é a estrutura do capital em seu pivô de contradições, sua subjetividade material, por ser um capital ficcional, levanta consigo ideologias igualmente subjetivas. Podemos citar aqui a pós-modernidade como a ideologia subjetiva central advindas dessa materialidade subjetiva (HARVEY, 1992).

A sétima e última contratendência é a guerra. Esta partilha o mundo para novas formas de exportação de capitais, da mesma maneira que age como um eficiente agente de fome e destruição em massa. É essa destruição que permitirá a anexação, o domínio, assim como a criação de novos mercados, isto é, a terra arrasada onde o capital poderá criar novas raízes e florescer novos capitais, concentrando cada vez mais (MÉSZÁROS, 2015).

O confronto da sexta e sétima contratendências dependem do progresso do embate a todas as demais cinco contratendências anteriores. Sobre esta premissa, tanto a sexta como a sétima contratendências hão de ser combatidas diante de uma aliança comunista partidária internacional. Essa aliança precisa abarcar os mais diversos partidos comunistas, intitulados marxistas-leninistas, na tentativa de criar situações para a luta de classe na arena internacional. Isso inclui, evidentemente, ajuda financeira, militar e intelectual. Esse processo possibilitará que greves, sabotagens e insurreições frente a um monopólio transnacional e o Estado possam ser feitas de forma mais ampla e eficaz (GUEVARA, 2009c).

O sujeito provedor de todas as sete contratendências até aqui apresentadas é o Estado burguês. É ele que trabalha as contratendências do capital, minimizando e administrando a queda tendencial da taxa de lucro. Ora, o capital não funciona sem o Estado; o capital pressupõe o Estado, na medida que este é o gerenciador legítimo do capital (LENIN, 2017). O Estado administra juridicamente os níveis de exploração e os níveis de salários, legitimando rebaixamentos ou aumentos. O Estado administra os efeitos da superpopulação relativa, seja no assistencialismo, repressão ou eliminação. O Estado rebaixa os custos do capital constante,

através de subsídios, estruturas e logística; vendendo ao setor privado aquilo produzido com investimento do capital público, e, por um preço mais barato do que se o processo fosse inverso (GRESPAN, 2019).

No intuito de demonstrar estes fatores de forma exemplar na América Latina, usaremos o caso do Chile da ascensão e derrubada de Salvador Allende, haja vista que nesta situação todas essas tendências e contratendências são observáveis – mesmo que apenas no que ocorreu na ausência de algumas delas. E, por meio dessa experiência, iremos apontar outros âmbitos revolucionários em toda América Latina que permitam entrelaçar o papel do capital e do imperialismo na socioeconomia periférica.

3. A Experiência Revolucionária Chilena

Neste capítulo iremos evidenciar a experiência da Unidade Popular no Chile, sua formação e desenvolvimento a fim de elucidar uma das experiências mais enriquecedoras da América Latina. Em vista disso, poderemos analisar seus avanços e retrocessos naquilo que se propuseram a fazer: a emancipação da classe trabalhadora.

3.1. A Formação e Governança da Unidade Popular

A situação latino americana é relativamente semelhante em todo o continente, devido a seu histórico colonial e permanente exploração. Esse histórico condiciona os países latino americanos a uma dependência dos interesses externos, uma economia centrada na agro-exportação e/ou na mineração de matérias primas; uma oligarquia latifundiária e burguesa extremamente concentrada em terra, renda e especulação financeira (IASI, 2013).

A título de exemplo, tomemos o caso do Chile. Neste país, no início do século XX havia, além dos acima mencionados, uma peculiaridade notável, a saber, um setor militar nacionalista e progressista que, embora constituísse a minoria entre os militares, tinha certa influência nas políticas nacionais. Evidente, vale apontar, que esse poder se encontrava nos moldes capitalistas, por meio da democracia burguesa. Em vista disto, as eleições no Chile, desde 1924, ocorriam com uma certa estabilidade, e, em paralelo a elas crescia um poder popular com elevado nível de consciência de classe (DORFMAN, 2003).

Os partidos da classe trabalhadora – centralizados em uma aliança entre o Partido Comunista do Chile e o Partido Socialista do Chile – tentam eleger Allende em 1958 ao cargo da presidência, mas falham com uma certa margem. Já em 1964, a tentativa é renovada, porém em razão de um forte investimento da CIA na candidatura da oposição, novamente a vitória não é alcançada (WINN, 2010).

Aqui faz-se necessário expor a situação econômica neste momento. Havia ocorrido várias mudanças desde os anos trinta, quando havia uma certa estabilidade econômica. No entanto, essa fase durou menos de trinta anos e logo surgiu uma intensa crise. Assim, em meados dos anos 60, menos de 1% da população controlava mais de 60% de todas as terras chilenas, isto é, a classe burguesa possuía um oligopólio extremamente concentrado; o imperialismo monopolizava toda a economia real; o desemprego e a inflação cresciam com velocidade (IASI, 2013).

Fica evidente aqui o quanto a primeira contratendência[30] não passa de uma ideologia

[30] Quanto mais o capital cresce, menor será a exploração sobre o trabalhador.

burguesa, na medida que o crescimento econômico não só não diminuiu a exploração, como a aumentou exponencialmente. Não obstante, devido a anos de um movimento proletário em expansão, isto é, de uma constante contra-propaganda, esses impulsos ideológicos burgueses não tiveram o poder de apaziguamento esperado (WINN, 2010). Momentos em que essa ideologia funcionou de forma a desmobilizar o proletariado da América Latina de sua função revolucionária podem ser vistos no Brasil, Argentina, Bolívia, Uruguai e alguns outros países em diferentes momentos na história (KLACHKO, 2019).

Ainda quanto ao Chile, em meio ao escalar da exploração, os partidos populares da classe trabalhadora organizavam greves que também cresciam em quantidade e qualidade. Todos esses movimentos, no entanto, como é de se esperar, eram violentamente reprimidos pela burguesia, centralizados no Partido Democratico Cristão. O que, por sua vez, acelerou o aglutinamento das forças da classe trabalhadora revoltadas; a Unidade Popular (UP) é formada neste momento pela composição de comunistas, socialistas e progressistas (IASI, 2013).

Em decorrência dos problemas candentes da classe trabalhadora chilena do final dos anos 60, a UP colocou em pauta mudanças estruturais, tais como a nacionalização da economia, o aprofundamento da reforma agrária; o garantir do crescimento econômico junto à ampliação do emprego e bem-estar da vida do trabalhador. A influência e embate da UP eleva a consciência de classe dos trabalhadores e antagoniza os interesses do capital, diante disso uma enorme quantidade de pessoas vão às ruas para a eleição de 1970 (WINN, 2010).

Em vista desta grande mobilização e constante embate ideológico, Allende vence as eleições presidenciais de 1970. A comemoração é enorme com grandes partes da classe trabalhadora a festejar sua tão esperada vitória. No entanto, aquele momento marcou apenas o começo do que viria a ser uma luta ainda mais violenta. Já no primeiro momento isto já estava anunciado por dois fatores. O primeiro é que a vitória de Allende sobre o segundo colocado foi de apenas 1,6%. Em uma situação como essa, em que a vitória não foi expressiva, um Congresso – segundo os ditames burgueses, isto é, extremamente conservador – havia de votar qual seria realmente o vencedor. Trata-se de uma tática burguesa na tentativa de impedir exatamente o que ali estava ocorrendo: a subida da classe trabalhadora ao poder. Houve grande comoção em volta de qual seria o resultado. O congresso estava disposto a vetar o presidente eleito, mas esse ato iria ser muito custoso, podendo causar grandes greves e revoltas. Tendo isto em mente, a burguesia nacional e o imperialismo ianque, instrumentalizado pela CIA, tomaram para si a seguinte preferência: permitir a eleição do presidente Allende, mas minar seu mandato, impulsionando massivos boicotes (MARINI,

2019).

O primeiro ano do governo de Allende foi tal como anunciado nas propostas da Unidade Popular: nacionalizou-se o sistema financeiro, a mineração – correspondente a 80% da receita nacional – e se colocou controles normativos sobre os monopólios industriais e de telecomunicação. (IASI, 2013). Sendo esse último um fator afirmativo na supressão da primeira contratendência do capital.

Os resultados logo foram sendo expostos juntamente ao ataque ao capital: o desemprego caiu pela metade, os salários subiram entre 35% e 60%; o setor industrial cresceu 12% e a reforma agrária 30% e; a inflação estava em declínio (IASI, 2013).

Neste momento fica evidente a função do Estado em agir sobre a segunda e terceira contratendências do capital[31], isto é, expropriação de terra. Ora, devido ao acúmulo político da classe trabalhadora frente ao Estado, os salários foram aumentados e a reforma agrária avançou exponencialmente, em detrimento da espoliação capitalista (HANDAL, 1980).

Diante destas vitórias da classe trabalhadora, a burguesia nacional e imperialista deram início aos boicotes anteriormente citados. Os latifundiários sabotaram as colheitas e a pecuária; 300 mil cabeças de gado foram levados clandestinamente para a Argentina, causando uma alta expressiva no preço da carne; 10 mil litros de leite foram jogados no rio para aumentar o preço do leite – um alimento essencial na vida do campo. Juntamente a isto, o imperialismo lançou uma cadeia especulativa que depreciou o preço do cobre; sabotaram as minas; os bancos internacionais suspenderam o crédito para o governo chileno; os jornais da classe burguesa impulsionaram um processo de desinformação em massa; as fábricas, os caminhões e o sistema rodoviário no geral pararam de funcionar. Diante disso, em cerca de dois anos e meio, uma reserva de 350 milhões de dólares se tornou um déficit de 400 milhões que não parava de crescer (MARINI, 2019). A inflação passou de 22% para 325%, de 1971 a 1973. Ademais, o sistema judiciário começou a aceleradamente revogar as nacionalizações e reformas agrárias anteriormente feitas e o custo de vida teve um aumento de 225% em 1972 e 606% em 1973 (ALTMAN, 2020).

Não obstante, a Unidade Popular e a classe trabalhadora reagiram aos boicotes, tomando as fábricas e os automóveis; formando grandes passeatas no campo. Criaram-se as Juntas de Abastecimento e Preços e os Comandos Comunais: maneiras que o governo encontrou para distribuir os alimentos de uma forma que pudesse contornar a inflação e o reter especulativo dos estoques. Aqui, uma parte da classe trabalhadora começou a perceber

[31] A diminuição de salários e a criação de uma superpopulação relativa, respectivamente.

que um conflito armado seria inevitável e começou a buscar armas, isto é, um meio ilegal de subverter a burguesia. Frente a isto, o Parlamento, em outras palavras, o administrador da burguesia no Estado burguês, exigiu o desarmamento da população, e, na tentativa de conciliar com a burguesia, o governo de Allende endossou o desarmamento (WINN, 2010). Segue-se que grandes excursões foram feitas em todo o país para tomar as armas e impor medo sobre a classe trabalhadora. Essas excursões foram, tudo indica, um grande sucesso e esse é o primeiro indicador prático de que a derrota da classe trabalhadora estava se aproximando (IASI, 2013).

Desta reação, podemos notar que diante do impulsionamento que a quarta, quinta e sexta contratendências[32] foram lançados, a UP agiu combativamente frente a elas. Entretanto, sua limitação institucionalista a impediu de promover um movimento partidário ilegal; o fronte legal tomou tanta autonomia que constrangeu qualquer caminho por meios clandestinos. Esse erro ideológico de análise, conjuntural e teórico, colocou em xeque a própria via institucional (HANDAL, 1980). Vale apontar a diferença em como isto foi resolvido em outros locais: em Cuba sob a liderança de Fidel Castro (AYERBE, 2004); na Venezuela de Hugo Chávez – e mais tarde Maduro (MARINGONI, 2009); na Colômbia pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (HYLTON, 2010); na Nicarágua com os Sandinistas (ZIMMERMMANN, 2006); no Peru com o Sendero Luminoso (RÉNIQUE, 2009) e no México com os Zapatistas (BARBOSA, 2010) foram mantidos e ampliados os meios ilegais, armados, da classe trabalhadora contra a burguesia. Esses levantes tiveram êxitos e derrotas, porque não é somente a disponibilidade armada clandestina que vence a batalha, mas um conjunto alinhado de combate a todas as contratendências do capital (LENIN, 2020).

No Chile, uma vez desarmada a classe trabalhadora, o avanço do golpe acelerou agressivamente. No entanto, ainda faltava uma peça para definir o golpe como a única opção burguesa: as eleições parlamentares de maio de 1973. A burguesia buscava neste momento ser capaz de ter dois terços do Congresso e votar um *impeachment*[33], para isto formou a Confederação para a Democracia. A UP buscava ter dois terços do Congresso para impedir qualquer tentativa de *impeachment* e avançar com suas reformas. Ambos perderam: a votação do parlamento mostrou 43,5% para a UP e 54,6% para a classe burguesa.

A burguesia percebeu aqui que um golpe era o único caminho para retomar seu poder,

[32] O barateamento do capital constante, a ampliação do mercado e a alocação do capital industrial para a esfera bancária.
[33] A deposição parlamentar do presidente que, nesse caso, significa um golpe parlamentar financiado pelos EUA (MARINE, 2019).

pois as forças populares estavam crescendo e se Allende fosse eleito novamente, nas próximas eleições, o risco seria alto demais. A partir daqui todas as forças da burguesia foram realocadas para o golpe militar. No entanto, a UP não mudou sua tática; pelo contrario, a afirmou ainda mais: o respeito incondicional às instituições burguesas foi tomada como regra máxima (WINN, 2010). Percebendo essa atitude da UP, a classe burguesa impediu qualquer concessão que a enfraquecesse, só aceitando aqueles acordos que a fortaleciam. Em meio a isso, setores da classe trabalhadora começaram a se separar da UP e reivindicaram a luta armada de cunho revolucionário. Entretanto, a este ponto, as forças reacionárias burguesas já estavam completamente formadas, não havendo tempo para que a classe trabalhadora – depois de massivas tentativas de desarmamento e freio revolucionário – pudesse alcançar o mesmo nível material preparatório, organizacional das forças do capital (ALTMAN, 2020).

O primeiro momento explícito do golpe apareceu quando o Ministro da Defesa, General Prats, apoiador da UP, comunicou que uma substancial parte das forças armadas estavam alimentando um golpe de Estado, e se dispôs prontamente a prender de imediato os líderes responsáveis. Todavia, o comando das forças armadas, ferramenta armada da burguesia, juntamente à convicção institucional de Allende, afastam o general. No lugar dele, como meio de acalmar as forças burguesas, a UP colocou Augusto Pinochet. A partir daqui não havia volta, o golpe já estava orquestrado (ALTMAN, 2020).

Em junho de 1973 ocorreu a intentona militar golpista, na qual tanques liderados por Roberto Souper com apoio explícito da Pátria e Liberdade – uma organização fascista – cercaram o palácio. Nem mesmo isso fez com que o governo de Allende mudasse de tática; contrariamente, isto fortaleceu a ilusão institucionalista, afinal o golpe não ocorreu ali, naquele momento (MARINI, 2019).

Já em 11 de setembro de 1973, a sétima contratendência se efetivou: os tanques voltaram e com eles aviões, bombas e baionetas. Allende se alojou no Palácio de la Moneda e, pela primeira vez, fez o uso das armas; tomou para si uma AK-47 com que o camarada Fidel Castro havia lhe presenteado em sua última visita ao Chile. No entanto, já era tarde demais. O palácio foi bombardeado: os militares progressistas foram fuzilados nos quartéis e o então presidente Salvador Allende finda sua própria vida (SIMON, 2021).

3.2. A Via Chilena ao Socialismo

A construção do socialismo supõe que a classe trabalhadora é capaz de reorganizar

estruturalmente a sociedade. A tática[34] pelo qual ela pode alcançar essa estratégia[35] é o que difere as diversas experiências revolucionárias e reformistas (VIANA, 2008).

Historicamente, até o início do século XX, aqueles que buscavam emancipar a classe trabalhadora se espelhavam em revoluções do tipo francesa. Com a revolução soviética (1917), entretanto, esse caminho tomou novas proporções, na medida que nessa experiência a classe trabalhadora foi capaz de desenvolver o marxismo-leninismo. Em ambas experiências, porém, a classe trabalhadora foi exposta a situações semelhantes, a saber, o número elevado de camponeses, baixo nível de trabalhadores urbanos e uma guerra civil seguida de guerra contra setores intervencionistas externos. O marxismo-leninismo, se diferencia e avança o conteúdo revolucionário, na medida que evidencia o centralismo democrático, a tomada do poder pela classe operária fabril, tendo os camponeses como um setor a ser proletarizado no percurso da insurreição (LANDI, 2021). Esse modelo revolucionário, no entanto, sofreu abalos diversos devido às sucessivas derrotas na Europa ocidental. Derrotas essas que devem ser contextualizadas em um ambiente de ascensão do fascismo, portanto, de propaganda anti-comunista em massa (PARENTI, 1997).

A revolução chinesa (1949), por sua vez, trouxe novas reflexões sobre as táticas de uma revolução. Nessa experiência, o partido toma uma forma de exército de libertação, cuja composição é majoritariamente de camponeses. Seu papel é cercar as cidades, a partir do campo em uma guerra popular prolongada. Somado a este momento, ao mesmo tempo, ocorriam as experiências da Guerra de Libertação Nacional. Essas foram levantes populares antifascistas e anti-coloniais, envolvendo a Europa e a Ásia, respectivamente. Nela, a classe trabalhadora, em sua resistência contra o imperialismo, buscando libertação nacional, elevou à centralidade do poder diversos partidos comunistas: exemplos podem ser observados nos países que formaram a URSS, bem como na Coréia, Vietnã, Laos, Cuba entre outros (MARCUSE, 1981).

Com a revolução cubana (1959), no entanto, nós tivemos uma peculiaridade. Nesta experiência, inicialmente de libertação nacional, anti-ditatorial, composta de um forte equilíbrio entre guerrilha no campo e insurreição urbana, tivemos um embate constante com o imperialismo que findou em uma intensa radicalização da classe trabalhadora, tomando forma em um partido comunista. O foquismo, como ficou chamada essa tática de guerra, serviu de inspiração para todos os demais países do planeta, com suas devidas particularidades

[34] A tática é o caminho pelo qual alguém trilha para alcançar um objetivo predeterminado. Trata-se dos meios para realizar ou cumprir um propósito ou finalidade

[35] A estratégia é o objetivo em si mesmo; o que se pretende obter, alcançar ou cumprir. É a finalidade, cujo meio se apresenta na tática.

regionais, a partir da década de 1960 (AYERBE, 2004).

Entretanto, a história tem apresentado que tentativas revolucionárias são acontecimentos não muito usuais; muito menos revoluções que são vitoriosas. Foi nesse contexto que a experiência da UP se formou, buscando um novo caminho revolucionário (MARINI, 2019).

A UP, isto é, o governo de Salvador Allende, tinha para si um programa que apontava para uma transição do capitalismo ao socialismo sem que houvesse uma ruptura estrutural da instituição liberal burguesa, da ditadura da burguesia. Conteúdo teórico que se assimila daquilo que Palmiro Togliatti chamava de "democracia progressiva": a construção de um caminho pelo qual é possível um trânsito revolucionário por dentro das instituições burguesas, ampliando lentamente o poder popular e minando a classe burguesa; caminhar para a revolução pelos caminhos dispostos pela própria ditadura burguesa, aceitando *a priori* suas fronteiras, supondo que a burguesia não iria destruir o meio pelo qual ela criou para ser seguido (MARINI, 2019).

Em outras palavras, o governo de Allende colocava total confiança na premissa de que a burguesia, mesmo diante de confrontos institucionais com a classe trabalhadora, jamais iria quebrar o véu democrático burguês e instalar um golpe; afinal, segundo esse revisionismo, se as forças populares não se dispusessem à luta armada, a classe burguesa não iria se dispor também. Assim, o desarmamento da classe trabalhadora foi resultado dessa compreensão. Temos aqui, portanto, uma contrarrevolução preventiva (CESO, 1972).

Isso pode ser evidenciado na posse de Allende, quando o mesmo assinou um pacto de garantias promovido pela Democracia Cristã. Nesse pacto, a UP se compromete em não fazer mudanças nas forças armadas, nos meios de comunicação, na constituição e na educação. Isto é, a UP inicia sua governança com limitações que impediriam sua própria permanência como hegemonia. Este pacto ilumina a compressão que a burguesia já fazia daquele momento e sua formas de fazer frente a qualquer conquista por parte dos trabalhadores (BARRAS, 1972).

Vale apontar, ademais, o poder de organização da UP, colocando em perspectiva uma real possibilidade de ruptura. Isso pode ser observado logo nos primeiros 3 meses do governo de Allende. Nesse momento os trabalhadores e trabalhadoras foram convocados para um congresso, pelo qual seria discutido os caminhos até ali trilhados e o que fazer dali a diante. A convocação teve a participação de 300 mil pessoas – esse poder convocatório e mobilizador em um país com 10 milhões de pessoas à época tratou-se de um momento histórico na América Latina. Nessa convocação, houve trabalhadores dos mais diversos setores, além de estudantes. Isso indica um poder organizacional preponderante que, uma vez usado em um

levante armado, poderia abalar toda a estrutura do capital (MARINI, 2019).

A tática da UP, entretanto, foi avançar institucionalmente sobre a classe burguesa a fim de dividir e enfraquecer suas bases a um ponto crítico, a partir do qual seria aberta a possibilidade da classe trabalhadora alcançar a hegemonia estatal. Tratava-se de uma confiança última na democracia burguesa; a convicção em um suposto "tecnicismo", legalismo das forças militares, isto é, do ferramental armado da burguesia (MARINI, 2019).

Dessa forma, o resultado dessa tática foi somente uma: frear o processo revolucionário em andamento e, com isso, dar força à contrarrevolução. Esta, por sua vez, não tinha qualquer restrição em tomar o poder pelas armas; seu caminho foi exatamente o oposto, como foi demonstrado (HOXHA, 2020).

Derrubado Allende, a ditadura burguesa mostrou sua verdadeira face; caiu a máscara democrática liberal e o fascismo sempre incipiente ficou evidente. O golpe estava implantado. Pinochet tomou a liderança da reação golpista burguesa e, como de praxe, defendeu seu novo governo sobre as bases de Deus, da família e da economia, tendo somado a seu poder os Chicago Boys[36] (AMENI, 2020).

[36] "Os principais expoentes teóricos dessa corrente são: a Escola Austríaca, com Ludwig von Mises e seu pupilo Friedrich Hayek; e a Escola de Chicago, principalmente com Milton Friedman" (SILVA, 2020).

Considerações Finais

Atualmente estamos passando por um movimento peculiar em toda a América Latina, a saber, a vitória partidária de vários partidos progressistas. Trata-se de uma segunda onda de partidos de esquerda com o triunfo: de Boric no Chile; de Castilho no Peru; de Castro em Honduras; de Cohen no Panamá; do Movimento ao Socialismo na Bolívia; de Obrador no México; de Fernandez na Argentina; de Petro na Colômbia e; de Lula no Brasil (RAUS, 2022).

Isso apresenta um esperançar que, todavia, há de ser cauteloso. No século XX e início do século XXI, tivemos a primeira onda. Nela, nomes como Hugo Chávez, Lula, Néstor Kirchner, Michelle Bachelet, Tabaré Vázquez, José Mujica, Fernando Lugo, Evo Morales, Rafael Correa entre outros foram proeminentes. Eles e elas já se apresentavam como uma esquerda diferente, isto é, que não buscava trilhar revoluções do tipo marxistas-leninistas. Esses partidos, portanto, envolveram esquerdismos dos mais diversos, incluindo o sindicalismo, a conciliação de classe e tentativas de uma revolução passiva. Não obstante, esses governos fizeram grandes ataques aos oligopólios ianques e europeus, impondo estatizações, reformas agrárias, proteção contra o capital externo, distribuição de renda, exoneração da dívida externa e etc. Políticas de suma importância para a classe trabalhadora. Entretanto, salvo algumas exceções, todos esses ganhos foram perdidos para uma onda conservadora que mais tarde tomou poder no continente latino-americano (GAUDICHAUD, 2019).

Assim como a primeira onda progressista tinha suas diferenças, referentes à peculiaridades regionais e partidárias, a onda progressista atual é capaz de proporcionar uma ainda mais intensa diferenciação. Governos como os de Boric no Chile e Castilho no Peru "poderiam ser definidos como uma esquerda com tons social-democratas, mas fortemente intercalada com reivindicações" pós-modernas[37] (RAUS, 2022). Dessa forma, são governos inseridos em uma fragmentação estrutural e ideológica do capital, pelo qual pautas liberais referentes às opressões de gênero e raça se tornam preponderantes na opinião pública. Questões como essas, no entanto, por não estarem envolvidas a um processo revolucionário[38],

[37] Também conhecido como "pós-modernidade", esse arcabouço teórico impera um processo ideológico de essencialismo e idealismo. Para melhores reflexões, recomendamos a leitura de Terry Eagleton: as ilusões do pós-modernismo.

[38] Isto não quer dizer, por outro lado, que as pautas de gênero e raça não são revolucionárias; pelo contrário, para que elas possam ser efetivas é inerente um teor revolucionário concreto. É exatamente em vista disso que o

mas unicamente reformista, diluem e enfraquecem a consciência de classe e, portanto, o embate político (WOOD, 1996).

> Se os primeiros governos de esquerda do século XXI geraram resistência à ordem econômica através de organizações como a Alternativa Bolivariana para as Américas (ALBA) ou conceitos como "socialismo bolivariano" [...], estas novas esquerdas emergem em um sistema econômico mundial absolutamente confinado nos marcos do capitalismo financeiro global. Talvez seja por isso que em seus programas políticos se "esquivam" das definições econômicas, além das proclamações com relação a uma melhor e mais justa distribuição dos excedentes (RAUS, 2022. Pág. 3).

Em vista disto e do que é o capital, o imperialismo, a dependência latino-americana e a experiência da Unidade Popular chilena temos que é insuficiente a conquista parlamentar/eleitoral de partidos críticos à desigualdade social. É necessário ir além, buscando elevar a consciência das massas proletárias por meio de um constante trabalho de base. Isto há de envolver estudo teórico e prático, permanente. Na qual a classe trabalhadora terá a capacidade de se observar como classe antagônica ao capital (REGALADO, 2012).

Ademais, essa nova onda progressista que agora ascende na América Latina há de estar atenta no que tange a cartilha neoliberal, isto é, a abertura da economia para a iniciativa privada, promovendo privatizações, políticas de austeridade[39] e empréstimos do FMI/BM/BID e outras ferramentas do imperialismo. É fulcral, além disso, alcançar avanços em políticas de reforma agrária, reforma urbana, e diversificação da economia (AHARONIAN, 2022).

Cabe aqui compreender que a luta contra o imperialismo é uma constante em toda a América Latina e, portanto, seu enfrentamento há de ser feito em meio a uma ampla coalizão regional, capaz de elevar o poder decisório das periferias. Isso, evidentemente, transborda para o internacional e haverá de envolver os países que compõem o agrupamento econômico do BRICS. Utilizar essa ferramenta para promover políticas fora do âmbito neoliberal é primordial nesse contexto. Entretanto, algo com esse nível de enfrentamento significa, em

---

Departamento de Inteligência dos EUA têm trabalhado arduamente para as transformar em políticas de conciliação e individualismo, retirando, dessa forma, qualquer processo revolucionário delas proveniente (COSTA, 2004).

[39] Cortes no orçamento do Estado. O neoliberalismo assume que todo o orçamento para o setor público é um gasto, um custeio, pois parte da suposição errônea de que todo gasto tem que ser precedido de um acúmulo (BEHRING, 2011). Dessa forma, o neoliberal não é capaz de notar que aquilo que ele chama de gasto é, na verdade, um investimento. Na medida que, na realidade, é justamente o investimento que proporciona um acúmulo, não o contrário: afinal a moeda de um país soberano é amplamente capaz de quitar suas próprias dívidas em moeda nacional, sem maiores problemas, haja vista sua capacidade de produção monetária. A necessidade de uma maior ponderação sobre custeio é quando a dívida é externa, pois, nesse caso, o investimento há de envolver um acúmulo prévio, uma vez que o país em questão é incapaz de produzir a moeda que deverá usar para o pagamento de sua dívida. Em vista disso, a importância de que todo país tenha sua moeda soberana. De toda forma, as políticas de austeridade promovidas pelo neoliberalismo são preponderantes em orçamentos em moeda nacional (ROMANCHUK, 2016).

última instância, antagonizar a classe burguesa de seus respectivos países; mais que uma batalha contra um inimigo externo, uma batalha violenta ocorre em âmbito nacional (FUSER, 2017).

Dessa forma, é nosso papel observar o que a conjuntura nos proporciona. Seria possível uma radicalização dos partidos progressistas vigentes ou sua estrutura de conciliações é basilar? Este progressismo seria apenas um movimento precursor de outros partidos, agora radicais, que se formam no horizonte? Essas são perguntas essenciais para todo aquele que investiga o tecido social com honestidade e propósito com a classe trabalhadora.

Referências

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

AHARONIAN, Aram. A Nova Onda Progressista Moderada e uma Direita mais Intolerante. Revista Desacato, 2022. Disponível em: <A Nova Onda Progressista Moderada e uma Direita mais Intolerante>. Acesso em: 13 nov, 2022.

ALLEN, James. **O Plano Marshall**: Recuperação ou Guerra. Problemas, Revista Mensal de Cultura Política, 1948.

ALTHUSSER, Louis. **Lenin and Philosophy and Other Essays**. New York: Monthly Review Press, 1971.

ALTMAN, Breno. **Chile**: Ascensão e Derrota de uma Revolução Desarmada. Boitempo. 2020. Disponível em: <Chile: Ascensão e Derrota de uma Revolução Desarmada> Acesso: 29 dez, 2021.

AMENI, Cauê. ALBUQUERQUE, Hugo. **O Plano Pinochetista de Paulo Guedes para Tributar Livros**. Jacobin. 2020. Disponível em: <O Plano Pinochetista de Paulo Guedes para Tributar Livros> Acesso: 30 dez, 2021.

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão**: o novo proletariado de serviço da era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

APÚBLICA. **Chile**: conquistas e impasses no levante da população. Outras Palavras, 2019. Disponível em: <Chile: conquistas e impasses no levante da população> Acesso em: 27 abr, 2022.

AYERBE, Luís. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BAMBIRRA, Vânia. **O Capitalismo Dependente Latino-Americano**. Santa Catarina: Insular, 2019.

BARBOSA, Carlos. A Revolução Mexicana. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BARRAS, Jorge. **El Movimiento Obrero en Chile**; Sintesis Historico-Social. Santiago de Chile: Trigono, 1972.

BEHRING, Elaine. **Política Social no Capitalismo Tardio**. São Paulo: Cortez, 2011.

BLOOM, Joshua; MARTIN Jr., Waldo. **Black Against Empire**: The History and Politics of the Black Panther Party. University of California Press, 2016.

CABALLERO, M. **La Internacional Comunista y la revolución latino-americana**. Caracas: Nueva Sociedad, 1988.

CAVALCANTI, Tiago. **Sub-humanos**: o capitalimo e a metamorfose da escravidão. São Paulo: Boitempo, 2021.

CESO. CEREN. **Transición al Socialismo y Experiencia Chilena**. Santiago: Prensa Latinoamericana S. A., 1972.

CHANG, Ha-Joon. **Chutando a Escada**: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

COGGIOLA, Osvaldo. **Teoria Econômica Marxista**: uma introdução. Boitempo, 2021.

COPE, Zak. **Mundo Dividido, Classe Dividida**: economia política global e a estratificação do trabalho sob o capitalismo. Kersplebedeb, 2015.

COSTA, Frederico. Elementos de compreensão do pensamento pós-moderno: o irracionalismo como subproduto da crise do capital. In: JIMENEZ, Susana Vasconcelos e RABELO, Jaqueline (Orgs). **Trabalho, Educação e Luta de Classes**: a pesquisa em defesa da história. Fortaleza: Brasil Tropical, 2004.

DAVID, Thomaz; SILVA, Maria. **Marxismo, Direito e Relações Internacionais**. São Paulo: Lumen Juris, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEAN, Jodi. **Camarada**: um ensaio sobre pertencimento político. São Paulo: Boitempo, 2021.

DORFMAN, Ariel. **O Longo Adeus a Pinochet**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ENGELS, Friedrich. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. São Paulo: Edipro, 2010.

ENGELS, Friedrich. **Princípios Básicos do Comunismo**. 1847. Editora Avante!, 1982. Disponível em: <Princípios Básicos do Comunismo> Acesso em: 12 set, 2021.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Contracorrente, 2020.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina**. São Paulo: Global Editora, 2021.

FERNANDES, Florestan. **Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento**. São Paulo: Global Editora, 2018.

FEUERBACH, Ludwig. **Essência do Cristianismo**. Editora Vozes, 2013.

FILGUEIRAS, Clarice. **Chile:** a revolta popular, de 2019 aos dias atuais. A Verdade, 2021. Disponível em:

<https://averdade.org.br/2021/12/chile-a-revolta-popular-de-2019-aos-dias-atuais/> Acesso em 27 abr, 2022.

FONTES, Virgínia. **Brasil e o Capital-Imperialismo**: teoria e história. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

FOSTER, John. **Naked Imperialism**: America's Pursuit of Global Hegemony. Monthly Review Press, 2006.

GAUDICHAUD, Frank. Conflictos, sangre y esperanzas. Progresismos y movimientos populares en el torbellino de la lucha de clases latino-americana. In. MODONEI, Massimo (ORG). **Los Gobiernos Progressistas Latino-Americanos del Siglo XXI**: ensayos de interptetacion histórica. UNAM: México, 2019.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**: volume V. Rio de janeiro: civilização brasileira, 2002.

GRESPAN, Jorge. **Marx e a Crítica do Modo de Representação Capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2019.

GOWANS, Stephen. **Patriots, Traitors and Empires**: The Story of Korea's Struggle for Freedom. Baraka Books, 2018.

GUEVARA, Ernesto. **Textos Econômicos**. São Paulo: Global, 2009a.

GUEVARA, Ernesto. **Textos Políticos**. São Paulo: Global, 2009b.

GUEVARA, Ernesto. **Textos Revolucionários**. São Paulo: Global, 2009c.

HANDAL, Schafik. **O Poder, o Caráter, a Via da Revolução e a Unidade da Esquerda**. 1980. Disponível em: <O Poder, o Caráter, a Via da Revolução e a Unidade da Esquerda> Acesso em: 27 abr, 2022.

HARNECKER, Marta. **Ideias para a Luta**: doze artigos para o debate militante. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. Edições Loyola, 1992.

HARVEY, David. **Para Entender o Capital**: livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

HARVEY, David. **Para Entender o Capital**: livro II e III. São Paulo: Boitempo, 2014.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo**: História e Implicações. Edições Loyola, 2008.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. **Os Limites do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

HARVEY, David. **17 Contradições e o Fim do Capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**. Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. **Revolucionários**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2003.

HOXHA, Enver. **Os trágicos eventos no Chile, uma lição para os revolucionários no mundo**. A Verdade. 2020. Disponível em: <Os trágicos eventos no Chile, uma lição para os revolucionários no mundo> Acesso: 29 dez. 2021.

HYLTON, Forrest. **A Revolução Colombiana**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

HUDSON, Michael. **Super Imperialism**: The Origin and Fundamentals of U.S. World Dominance. Pluto Press, 2014.

IASI, Mauro. **Chile e a Experiência do Poder Popular**. Boitempo. 2013. Disponível em: <Chile e a Experiência do Poder Popular> Acesso 29 dez, 2021.

IASI, Mauro. **O Marxismo Diante de um Novo Século**. Rio de Janeiro; Revista Praia Vermelha, 2013.

JAPPE, Anselm; HARVEY, David; BHATTACHARYA, Tithi et al. **Margem Esquerda 34**. Dossiê: crise, neoliberalismo e insurreições populares. São Paulo: Boitempo, 2020.

KAYSEL, A. **Dois Encontros Entre o Marxismo e a América Latina**. São Paulo: Hucitec, 2012.

KLACHKO, Paula. ARKONADA, Katu. **As Lutas Populares na América Latina e os Governos Progressistas**: crises e desafios da atualidade. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

KLEIN, Naomi. **A Doutrina do Choque**: a ascensão do capitalismo do desastre. Random House of Canada, 2010.

LANDI, Gabriel; LAZZARI, Gabriel. **O Centralismo Democrático de Lenin**: a luta pela organização revolucionária. São Paulo: Lavrapalavra, 2021.

LAUESEN, Torkil. **The Global Perspective**: Reflections on Imperialism and Resistance. Kersplebedeb Publishing, 2018.

LENIN, Vladimir. **Democracia e Luta de Classes**. São Paulo: Boitempo, 2019.

LENIN, Vladimir. **Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LENIN, Vladimir. **O Estado e a Revolução**. São Paulo: Boitempo, 2017.

LENIN, Vladimir. **O Que Fazer?**: questões candentes de nosso movimento. São Paulo: Boitempo, 2020.

LESSA, Sérgio. **Mundo dos Homens**: Trabalho e Ser Social. Instituto Lukács, 2012.

LESSA, Sérgio. **Para Compreender a Ontologia de Lukács**. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

LIMÓN, Tinta. **Chile Em Chamas**: a revolta antineoliberal. São Paulo: Elefante Editora, 2021.

LOSURDO, Domenico. **A Questão Comunista**: História e futuro de uma ideia. São Paulo: Boitempo, 2022

LOSURDO, Domenico. **Contra-História do Liberalismo**. São Paulo: Ideias e Letras, 2017.

LOWY, Michael. **Marxismo Contra Positivismo**. Cortez, 2018.

LOWY, Michael. **O Marxismo na América Latina**: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

LUXEMBURG, Rosa. **A Acumulação do Capital**. São Paulo: Abril. 1984.

LUXEMBURG, Rosa. **A Questão Nacional e a Autonomia**. Oficina de Livros, 1988.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2004.

MAGDOFF, Harry. Imperialism Without Colonies. Monthly Review Press, 2003.

MANDEL, Ernest. **O Capitalismo Tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MARCUSE, Herbert. **Contra-revolução e Revolta**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

MARIÁTEGUI, José. **Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARIÁTEGUI, José. Punto de vista anti-imperialista. in A. Quijano (org.), **Textos básicos**. México: Fondo de Cultura Económica. 1991.

MARINGONI, Gilberto. **A Revolução Venezuelana**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

MARINI, Ruy. **Dialética da dependência**: uma antologia da obra de Ruy Mauro Marini. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARINI, Ruy. **Reformismo e a Contrarrevolução**: estudos sobre o Chile. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e Revolução**. Santa Catarina: Insular, 2017.

MARX, Karl.. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Crítica do Programa de Ghota**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O Capital**, Crítica da Economia Política: livro I. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. **O Capital**, Crítica da Economia Política: livro III. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARXISTS. **Doutrina Truman**. Disponível em: <Doutrina Truman>. Acesso em: 01 nov,

2022.

MÉSZÁROS, István. **A Montanha que Devemos Conquistar**: reflexões acerca do Estado. São Paulo: Boitempo, 2015.

MÉSZÁROS, István. **Para Além do Capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.

NETTO, José. **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NOVA CULTURA. **O Movimento Camponês na Índia**. 2021. Disponível em: <O movimento camponês na Índia> Acesso em: 03 set, 2021.

PALLUDETO, Alex. ROSSI, Pedro. **O Capital Fictício: revisitando uma categoria controversa**. São Paulo: Unicamp, 2018.

PARENTI, Michael. **Blackshirts and Reds**: Rational Fascism and the Overthrow of Communism. City Lights Publishers, 1997.

PARENTI, Michael. **Face of Imperialism**: Responsibility-Taking in the Political World. Paradigm Publishers, 2011.

PATNAIK, Utsa. PATNAIK, Prabhat. **A Theory of Imperialism**. Columbia University Press, 2016.

PATNAIK, Utsa. PATNAIK, Prabhat. **Capital and Imperialism**: Theory, History, and the Present. Monthly Review Press, 2021.

PRASHAD, Vijay. **Uma História Popular do Terceiro Mundo**. Expressão Popular, 2022.

PEREIRA, Henrique. **Contendo a Revolução**: a Aliança para o Progresso e o treinamento militar dos EUA na América Latina. História: Debates e Tendências – v. 10, 2011.

PINTO, Tales. Aliança para o Progresso e o Anticomunismo. Disponível em: <Aliança para o Progresso e o Anticomunismo>. Acesso em: 10 nov, 2022.

RAUS, Diego. **A volta da Esquerda na América Latina…. Mas qual esquerda**. Latinoamerica21. Disponível em: <A Volta da Esquerda na America Latina mas Qual Esquerda>. Acesso em: 11 nov, 2022.

REGALADO, Roberto (org.), **La Izquierda Latinoamericana a Veinte Años del Derrumbe de la Unión Soviética**. México: Ocean Sur, 2012

RÉNIQUE, José. **A Revolução Peruana**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

SANTOS, Theotônio. **Desenvolvimento e Civilização**: homenagem a Celso Furtado. Rio de Janeiro: edUERJ, 2016.

SILVA, Cleiton. **O Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB) e a Política de Autogestão**: análise de uma experiência no bairro da Iputinga, Recife-PE. Pernambuco:

Dissertação de Mestrado, 2012.

SILVA, Salyanna. **Os Intelectuais e a Disseminação do Neoliberalismo na América Latina**. Espírito Santo, Revista Serviço Social Em Perspectiva, 2020

SIMON, Roberto. **O Brasil Contra a Democracia**: A ditadura, o golpe no Chile e a Guerra Fria na América do Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

STALIN, Joseph. **A Situação Internacional**. Roma: Edizioni Rinascita, 1949. Disponível em: <A Situação Internacional> Acesso em: 21 abril, 2021.

STALIN. **Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico**. 1938. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1945.

STALIN, Joseph. **Obras Escolhidas de Stalin (1901-1952)**. São Paulo: Editora Raízes da América, 2021.

STAROBIN, Joseph. **A Doutrina Truman**. 1947. Disponível em: <Doutrina Truman>. Acesso em: 26 out, 2022.

SUWANDI, Intan. **Value Chains**: The New Economic Imperialism. Monthly Review Press, 2019.

VIANA, Nildo. **O que é o marxismo.** Rio de Janeiro: Elo, 2008.

VIGEVANI, Tullo; MARTINS, Aline; MIKLOS, Manoela. RODRIGUES, Priscila. **A Construção Marxista para o Estudo das Relações Internacionais**. São Paulo: Lua Nova, 2011.

VISENTINI, Paulo. PEREIRA, Analúcia. MELCHIONNA, Helena. **A Revolução Coreana**: O desconhecido socialismo zuche. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. A análise dos sistemas mundo como movimento do saber. In: Vieira, P. A., Lima Vieira, R., & Filomeno, F. A. (org.). **O Brasil e o Capitalismo Histórico**: passado e presente no mundo. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

WASSERMAN, Claudia. **A Teoria da Dependência**: do nacional-desenvolvimentismo ao neoliberalismo. São Paulo: Cliquebooks, 2017.

WINN, Peter. **A Revolução Chilena**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

WOOD, Ellen Meiksins. **Em defesa da História**: o marxismo e a agenda pós-moderna. São Paulo: Brasiliense, 1996.

ZIMMERMMANN, Matilde. **A Revolução Nicaraguense**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

ZIZEK, Slavoj. **Chile e Bolívia, Entre Duas Normalizações**. Boitempo. 2020. Disponível em: <Chile e Bolívia, Entre Duas Normalizações> Acesso: 30 dez, 2021.